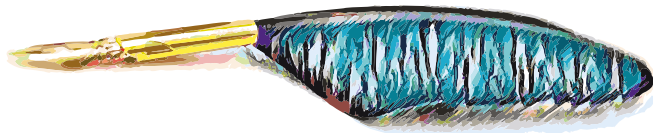


4^o CONCURSO
LITERÁRIO DA

Anamatra



 **ANAMATRA**
Associação Nacional das Magistradas e
dos Magistrados da Justiça do Trabalho

4º Concurso Literário da Anamatra

COMISSÃO JULGADORA

Ruth Barbosa Sampaio

Desembargadora do Trabalho do Tribunal Regional
do Trabalho da 11ª Região (AM/RR)

Maria Francisca dos Santos Lacerda

Desembargadora do Trabalho aposentada da 17ª Região (ES)

Marco Antônio Miranda Mendes

Juiz do Trabalho do Tribunal Regional do Trabalho da 24ª Região (MS)

Diretoria ANAMATRA - BIÊNIO 2025/2027

Presidente:

Juiz Valter Souza Pugliesi (Amatra 19/AL)

Vice-Presidente:

Juiz Marco Aurélio Marsiglia Treviso (Amatra 3/MG)

Secretaria-Geral:

Juíza Dayna Lannes Andrade (Amatra 23/MT)

Diretoria Administrativa:

Juiz Marcus Menezes Barberino Mendes (Amatra 15/Campinas e Região)

Diretoria Financeira:

Juiz Rossifran Trindade Souza (Amatra 10/DF e TO)

Diretoria de Comunicação Social:

Juiz Ronaldo da Silva Callado (Amatra 1/RJ)

Diretoria de Prerrogativas e Assuntos Jurídicos:

Juíza Patrícia Pereira de Sant´Anna (Amatra 12/SC)

Diretoria de Assuntos Legislativos:

Leonardo de Moura Landulfo Jorge (Amatra 5/BA)

Diretoria de Formação e Cultura:

Juíza Carolina Cauduro Dias de Paiva (Amatra 4/RS)

Diretoria de Eventos e Convênios:

Juíza Priscila Rocha Margarido Mirault (Amatra 24/MS)

Diretoria de Informática:

Juiz Márcio Lima do Amaral (Amatra 4/RS)

Diretoria de Aposentados:

Juíza Maria Aparecida Norce Furtado (Amatra 2/SP)

Diretoria de Cidadania e Direitos Humanos:

Juíza Roberta de Oliveira Santos (Amatra 8/PA e AP)

Conselho Fiscal:

Juiz Marcelo Rodrigo Carniato (Amatra 13/PB)

Juiz Daniel Roberto de Oliveira (Amatra 9/PR)

Juiz Rafael Val Nogueira (Amatra 6/PE)

Juiz Mauro Elvas Falcão Carneiro (Amatra 7/CE) - Suplente

A apresentação

Associadas e associados,

Com grande satisfação, compartilhamos os textos vencedores do 4º Concurso Literário da Anamatra. São contos, crônicas e poesias que revelam a pluralidade de olhares presentes na magistratura do trabalho e nas experiências humanas que com elas dialogam.

Na categoria contos, o vencedor foi o juiz Pedro Inácio da Silva (Amatra 19/AL), com a obra "Não olhe para trás". Na categoria crônicas, o texto premiado é "Tudo o que não cabe no laudo", de autoria do juiz Mauro Vasni Paroski (Amatra 9/PR). Já na categoria poesia, a vencedora é a juíza Katarina Roberta Mousinho de Matos (Amatra 10/DF e TO), com a obra "Rio de Mãos e Memórias".

A iniciativa reafirma que o Direito não se constrói apenas a partir de normas, precedentes e argumentos técnicos. Ele também se alimenta de narrativas e da capacidade de imaginar o lugar do outro. A literatura amplia essa escuta. Ela desloca certezas, ilumina silêncios e torna visíveis aspectos da realidade que nem sempre chegam aos autos.

Os textos aqui publicados foram selecionados por comissão julgadora composta pelas Desembargadoras Ruth Sampaio, do Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região (AM/RR), e Maria Francisca Lacerda, do Tribunal Regional do Trabalho da 17ª Região (ES), além do Juiz do Trabalho Marco Antônio Miranda Mendes, do Tribunal Regional do Trabalho da 24ª Região (MS). A eles, o registro de reconhecimento pela leitura atenta e pelo compromisso com a qualidade literária das obras avaliadas.

Que esta coletânea seja lida como celebração do talento de suas autoras e autores e como convite à reflexão sobre o papel da sensibilidade na construção da justiça.

Excelente leitura!

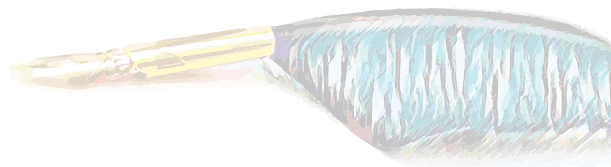
Valter Pugliesi

Presidente

Carolina Paiva

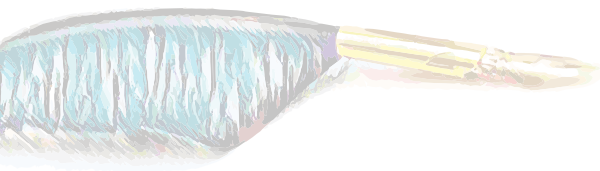
Diretora de Formação e Cultura

Sumário



Pontos

Não olhe para trás	10
Pedro Inácio da Silva	
Cidade de Água Doce: As Três Liberdades	16
Alan da Silva Esteves	
A barca dos desamados	22
Jairo Vianna Ramos	
Elisa	28
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
O encontro	31
José Roberto Carolino	
Sinal Vermelho	40
Lenício Lemos Pimentel	
Catherine	43
Leonardo Tibo Barbosa Lima	
Ciclo	48
Luciano Augusto de Toledo Coelho	
Presente de formatura	49
Márcio Ribeiro do Valle	
Além dos números	52
Mário Lúcio Batigniani	
O lamento da urna	58
Mauro Vasni Paroski	
Ensaio sobre baratas	63
Priscila Cunha Lima	
E descansou no sétimo dia	69
Vanilson Rodrigues Fernandes	



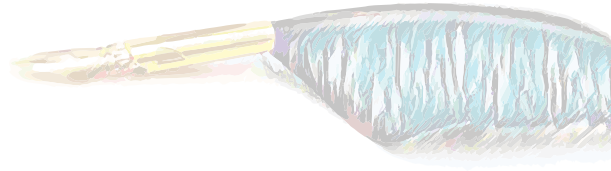
Crônicas

Tudo o que não cabe no laudo..... 75

Mauro Vasni Paroski

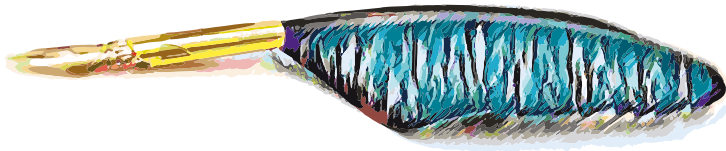
É o melhor pênalti: sentimentos contraditórios 78

Mário Lúcio Batigniani



Poesias

Rio de Mãos e Memórias.....	82
Katarina Roberta Mousinho de Matos	
Respeito à diversidade.....	87
Alonso Cavalcante de Albuquerque Filho	
Sempre-vivas	89
Ataíde Assis Ataíde	
Escrita ancestral	90
Claudirene Andrade Ribeiro	
O belo	91
Erasmio Messias de Moura Fé	
Tratado de Tordesilhas.....	93
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
Pulsar	96
Linda Brandão Dias	
Rebrota	98
Luiz Antônio Bernardo	
Deus Pai	100
Manoel Hermes de Lima	
Sentido de felicidade.....	110
Márcio Ribeiro do Valle	
Contradizendo	112
Marco Antonio de Oliveira	
O diário do patologista - autópsias da condição humana	113
Mauro Vasni Paroski	
Inocência.....	123
Vanilson Rodrigues Fernandes	



Pontos



Não olhe para trás

Pedro Inácio da Silva*

Somente muitos anos depois que saí da faculdade, quando li a Odisseia e a Eneida, foi que com mais clareza que a pressão pelo retorno vêm de muito longe. A volta para casa se dá em triunfo ou como um filho pródigo, derrotado. Mas meu pai me alertou para que eu não olhasse para trás.

O desejo muitas vezes irrefreável de retornar e que entre nós se chama saudade, nostalgia, significa também um permanente olhar para as raízes, para a velha casa da infância, para os primeiros amigos, as primeiras histórias, os primeiros amores. Afinal, disse Novalis, "para onde vamos? Sempre para casa".

O grande retorno já aparece na fundação da cultura ocidental, quando Ulisses, onavegador mítico da Odisseia, retorna à Ítaca depois de 20 anos. Desses anos sete são passados prisioneiro da deusa Calipso, que por ele se apaixonara, quando retornava após a guerra de Tróia. O desejo de Ulisses era voltar, era rever os amigos, o filho, a grande casa de beiral alto, mesmo desfrutando de bela vida na ilha de Calipso. O herói nostálgico lhe diz no quinto canto: "Deusa potente, não queiras com isso agastar-te; conheço minha querida Penélope, que é de menor aparência e feições menos belas que as tuas. Ela é uma simples mortal. E tu, eterna, a velhice não

* Juiz do Trabalho aposentado da 19ª Região (AL).

Texto Vencedor, na categoria Conto, do 4º Concurso Literário da Anamatra.

teme. Mas apesar de tudo isso, consumo-me todos os dias para que à pátria retorne”.

O contraponto à viagem de Ulisses, que iria retornar à sua Ítaca, é a também tumultuosa viagem de Eneias, tocado pelos mares após a derrota de Troia. Mesmo já não tendo pátria nem lar, lhe restava a nostalgia e o cuidar do pai, do filho e dos seus guerreiros. O destino de Eneias e seus descendentes era fundar Roma. Sua grande luta era por seguir adiante, sem olhar para trás. Por anos navega até chegar ao Lácio, fustigado por Juno, que o odiava por ser troiano, e protegido por Vênus, sua mãe. Mesmo quando nessa jornada aporta em Cartago, depois de uma tormenta, e é acolhido e protegido por Dido, a belíssima Rainha, que o seduz e por quem se apaixona, é advertido de que deve seguir rumo ao seu destino. Eneias vacila, e se indaga se vale o sacrifício em busca de sonhos longínquos, de um destino incerto. Essa é sempre a pergunta. Obediente ao mandado da Deusa e ao que os fados previram, ele parte e não vê que Dido se imolara no altar em frente à Cartago, pelo seu grande amor perdido.

Entre os dois caminhos, seguir em frente ou voltar, como em duas veredas em um bosque, a escolha, por mais banal que seja, faz toda a diferença. Porém, na modernidade cessou a interferência dos deuses e do oculto no destino dos homens. Cada decisão é tarefa individual, com toda a sua carga de consequências. O triunfo do individualismo é acompanhado da ambição, que ganha lugar de honra nos espíritos aventureiros modernos, no qual a ambição de um homem não deve ser menor do que ganhar o paraíso. Para ser reconhecido, para vencer ou para vivenciar tudo o que for possível na vida, entrega-se até a própria alma ao diabo, numa interminável jornada fáustica.

Essas considerações servem para justificar minha decisão de não voltar, da minha falta de crença na possibilidade do retorno como lugar de redenção e consolo.

Passei a minha infância em uma pequena cidade do interior da Bahia, muito distante de Salvador. O atraso era grande. A

luz elétrica era de motor e só funcionava à noite, a maioria das ruas não tinham pavimentação, a água encanada era escassa. As notícias chegavam pelo rádio, como em tantas cidades do interior naquela época. Mas havia uma alegria muito grande entre nós, tanto na escola quanto depois, com a tarde inteira para brincar, com liberdade para tomar banhos no pequeno e limpo rio da cidade, muitas vezes escondidos, jogar bola nas ruas de areia e olhar o céu estrelado nas límpidas noites de maio à setembro, quando o céu estava sem as nuvens que sempre vinham na primavera.

Meu pai tinha um comércio em uma pequena fazenda a 30 quilômetros da cidade, uma mercearia. Vendia-se de tudo para as fazendas próximas e as diversas famílias de trabalhadores, numa região bastante povoada, em um tempo que não se falava em êxodo rural. As dificuldades para ir à cidade justificava o negócio: os poucos carros que se arriscavam por aquelas bandas, por estradas vicinais esburacadas, eram jipinhos aero-willys, tracionados, de um ou dois fazendeiros da região, que de vez em quando se arriscavam a passar por lá. Tudo era na base do lombo de burro, jumento ou cavalo. Então, melhor era comprar por ali mesmo. Meu pai sabia disso e o negócio ia bem. As férias escolares de janeiro e julho passávamos na roça, eu e meus dois irmãos. Minhas duas irmãs não gostavam da vida sem o mínimo conforto e preferiam ficar na cidade. Era um tempo de diversão e encantamento. A vida na roça era pescar, caçar e montar para visitar e explorar as proximidades. Éramos todos destemidos: não tínhamos medo de vacas bravas, cobras, insetos, onças e outros bichos. A cada quinze dias meu pai ia à cidade levar dinheiro para pagar os fornecedores, fazer novas compras e deixar dinheiro em casa. Quando já ia lá pelos 15 anos pedi a ele que me deixasse fazer aquele serviço, que encarava como um ato de bravura. Ele dizia: você é muito novo, e nessa jornada deve portar uma arma. Aguarde completar pelo menos 16 anos, porque é perigoso viajar sozinho. Eu nasci no mês de julho. Nas férias do ano seguinte, quando fiz 16 anos, estava na roça. Abordei meu pai e retomei o pedido de que me deixasse levar o dinheiro e mais algumas coisas que quisesse para a cidade. Era perto e eu

conhecia muito bem o caminho. Estava querendo mostrar serviço e demonstrar que já era homem.

Na sexta à noite ele me chamou, comunicou sua anuência com a viagem e deu as instruções: não esporear o cavalo, para que ele não se assustasse e me derrubasse, seguir devagar, parar para pedir ajuda se necessário, porque em todas as fazendas ele era conhecido e, principalmente, não olhar para trás. O medo, dizia ele, está sempre atrás, siga em frente. Também me deu umas dicas de como manejar o revólver, um smith & wesson de tamanho médio.

Pouco antes das quatro da manhã do sábado, eu saí da porta da casa. A viagem seria de cinco horas. O amanhecer estava longe, mas a lua cheia teimava em brilhar no céu. O inverno seco e frio me fez levantar a gola da longa e grossa capa que me protegia. O alforge com os dois compartimentos carregando dinheiro e outros pequenos objetos cruzava a sela na parte de trás; o revólver estava na cabeceira da sela, do lado direito, de modo fácil a ser empunhado. Meu pai repetiu todas as instruções, e reiterou o negócio de que o medo monta na garupa se olhar para trás, e me desejou boa viagem.

Esporeei de leve o alazão que seguiu em um trote manso, até a cancela que ficava a um quilômetro e fazia divisa com a próxima fazenda. O capim seco estava coberto de orvalho. A lua clareava a estrada de chão batido e o cavalo seguia sem a necessidade de minha interferência. Mais ou menos uma hora depois atravessei um pequeno riacho, onde o cavalo bebeu um pouco d'água. Subi à direita pela pequena elevação próxima à serra da cachoeira e em seguida desci um pouco para pegar o chapadão do Dr. Viriato, um lugar tão grande que parecia abandonado, por não se ver casa nem à distância. Demorávamos mais de 40 minutos para atravessá-lo e isso enchia-nos de um anseio impaciente para vencê-lo em todas as viagens. Era um local plano, e na paisagem destacavam-se inúmeras palmeiras de ouricuri e muitos mandacarus. O capim cobria o chão do lado da estrada, pois era uma velha fazenda de gado. Outras pequenas árvores próprias da caatinga pontilhavam na paisagem, como se a natureza abrisse um oásis ao contrário em meio à típica vegetação da mata atlântica que predominava na

região, na confluência dos dois biomas. A lua marcava a estrada, as palhas dos ouricuris farfalhavam tocadas por um vento suave, pássaros começavam a cantar. Eu conhecia os primeiros cantores que anunciavam a proximidade da aurora: bem-te-vis, canários e sabiás eram notórios madrugadeiros. Os dias no inverno demoram mais um pouco a mostrar seus raios e não fosse a lua branca no céu, ainda estaria escuro. Tanto tempo depois ainda não esqueci daquela madrugada e da juventude que se foi com suas memórias doces e amargas, e do frenético desejo de viver, de aventura, de experimentar o novo que me atiçava o espírito aos 16 anos.

Depois de uns 20 a 30 minutos no chapadão o cavalo resfolegou e empinou as orelhas. Tentei acalmá-lo, mas alguma coisa o assustara. A inquietude do animal, o rabo que não parava de sacudir e as orelhas em pé eram sinais. De repente, um silêncio inconcebível invadiu o lugar, paralisou o canto dos pássaros, como se algo misterioso e mágico se aproximasse. Um frio correu em minha espinha, e me veio a clareza de que estava só em um lugar ermo, próprio para todo o tipo de aparição. Acariciei o cabo do revólver e isso me encheu de uma certa euforia e coragem: poderia enfrentar qualquer coisa. O cavalo teimava em cismar. Num rompante próprio dos afoitos, resolvi abandonar o conselho de meu pai e olhar para trás, o que foi um erro. Freei o animal, me virei e foi então que o avistei: cem metros atrás caminhava um velho todo esfarrapado, magro, descalço e com o cabelo branco esvoaçando ao sabor do vento; na mão direita carregava uma espécie de cajado de madeira de cor escurecida, no qual se apoiava. Um cão de uma cor indizível seguia-o ao lado à pequena distância. Seus olhos cintilaram ferozmente tocados pelo brilho da lua quando me encararam. O tempo paralisou por um instante. As folhas das palmeiras dos ouricuris, como braços abertos, ficaram estáticas; cada planta, cada bicho, cada seixo da estrada pareceram ter suspirado, aterrorizados pelo riso que o velho pareceu esboçar ao pressentir o medo que de mim se apossara. Num lance de segundos senti como se todos os meus medos, dos mais recônditos aos mais banais, tivessem se manifestado naquela figura. Era

uma visão que tomou minha retina e mente de tal modo que tudo em volta parecera se dissolver para deixar apenas o velho com o olhar de fogo e pele translúcida e aspecto fantasmagórico, que me encarava com uma ferocidade fria e intensa. Seu rosto pálido exibia uma expressão de horror e profunda solidão e trouxe à lembrança as histórias que ouvia de almas penadas, defuntos que voltavam, mãos frias que nos seguravam à noite, caminantes noturnos que vagavam pelas estradas, assombros de cemitérios, que me encheram de um horror que até hoje me arrepia quando relembro aquele instante. Um bem-te-vi cantou perto e eu como que acordei do torpor e de imediato puxei a rédea, virei o cavalo e o esporeei sem pena enquanto ainda pude ver o velho levantar a mão como a pedir por alguma coisa. O animal saiu em disparada como se também tomado pelo espanto na planície branca e só parou um bom tempo depois para que eu abrisse a próxima cancela e a deixasse bater para seguir em frente. Do revólver havia esquecido completamente. Mais adiante segurei um pouco o trote do animal fatigado até chegar à cidade, três horas mais tarde, sem olhar para trás, eu e o cavalo em péssimas condições. Nunca procurei saber o que de mistério e oculto se escondia naquela madrugada. Daí em diante segui a lição de meu pai ao pé da letra e a apliquei para a vida.

Seis meses depois fui para Salvador para fazer o segundo grau. Depois fiz faculdade, trabalhei, me ocupei com coisas que alguns acharam importantes e que ninguém se lembra mais, mas sempre seguindo em frente. Minhas ambições foram pequenas e não almejavam o paraíso. Nunca mais voltei à minha cidade. Sempre tive uma desculpa para adiar a volta. Meus irmãos e minhas irmãs seguiram suas vidas e alguns também vieram para Salvador, mas voltavam com regularidade. Considerei que voltar era encontrar um passado que não me reconheceria mais e que eu também não seria capaz de reconhecê-lo e com isso o tempo foi passando. As minhas poucas conquistas, as minhas poucas leituras, as minhas insignificantes lutas viraram pó, na virada dos dias. O futuro glorioso de Eneias e de Roma foi escrito pelos Deuses, o nosso cavamos no dia a dia, sem olhar para trás. Será que hoje, 35 anos depois, cometi outro erro?

Cidade de Água Doce: As Três Liberdades

Alan da Silva Esteves*

Morávamos na casa azul da esquina, pintura recente como promessa. Em frente, um convento de janelas semicerradas mordida o vento e guardava silêncios antigos. Entre nós e elas, a rua de paralelepípedo inclinava para o rio, e eu, com treze anos, aprendia que a cidade respirava pela água. Meu irmão dormia num quarto de sombra leve, e eu, acordado, contava o compasso das goteiras, como se pudesse reger a chuva com pensamento.

Nessa noite o mundo chegou em carne viva. Jorge apareceu nu na nossa porta, escuro de chuva e frio, como se tivesse sido desfiado da própria tempestade. Vi primeiro o brilho da pele, depois os olhos que pediam menos do que a boca diria. Não gritou. Só bateu, duas vezes, com o cuidado de quem toca madeira sagrada. Eu quis correr, mas meus pés ficaram plantados, raízes bebendo a água do batente.

Meu pai, homem de ferrugem nos olhos, abriu a porta com a calma que abre o dia. O vento entrou junto e varreu a cozinha. O rosto dele não perguntou por quê. Reconheceu a urgência. Há portas que se abrem não por educação, mas por dever com o humano. Ali

* Juiz do Trabalho da 19ª Região (AL).

compreendi um tipo severo de bondade. A luz do corredor pousou no corpo de Jorge como se lhe devolvesse a forma. E a chuva, obediente, começou a cessar, costurando seu pano de nuvens.

Meu pai voltou com um embrulho de roupas: a calça de domingo que não via domingo, a camisa que guardava cheiro de sabão e armário. Enxugou o chão com o pano das visitas, não por protocolo, mas para que Jorge não escorregasse nos próprios passos. Minha mãe ferveu água para o chá do susto. Eu poderia dizer que senti medo, mas o nome exato era espelho: havia em Jorge algo de mim que eu ainda não sabia nomear.

As freiras cruzaram a rua quando o aguaceiro virou sereno. O hábito colado nas canelas, o rosário batendo de leve no quadril, três sombras claras e uma mais severa. A Madre pediu licença com voz de régua. Acolheram Jorge para passar a noite. Lembro das mãos de Fátima – então ainda Irmã Fátima – estendidas como pontes, dedos finos que sabiam de velas e remédios. Eu vi o instante em que a alma dela reconheceu outra que vinha cansada. Ali, mesmo sem compreender, aprendi que caridade não humilha.

Levaram-no para a dispensa do convento, lugar de farinha, vassouras e silêncio. Deram-lhe uma esteira, coberta de manta enxuta, uma cuia de caldo. Eu fiquei na rua olhando o pátio respirar. O convento tinha cheiros que eu ainda não conhecia: cera, pão, roupa molhada, alecrim. Às vezes penso que a memória começa pelo nariz. As luzes se apagaram uma a uma, como quem fecha um livro. Na última janela, vi Fátima curvada em oração; seu perfil parecia uma asa que hesita.

No escuro do depósito, sem barulho de mundo, Jorge encontrou o atalho mais curto. Tinha no bolso do paletó emprestado um sachê de veneno – lavouras e barcos andam com inventários duros. Bebeu. Foi rápido como corte limpo. Quando a manhã ainda não tinha rosto, as freiras encontraram um corpo que parecia dormir sem dívida. Eu não o vi ali; meu pai não deixou. Mas vi o corredor em fila de respirações contidas, e aprendi que o silêncio também faz cortejo.

Meu pai disse que eu e meu irmão iríamos ao enterro. Disse sem aspereza, como quem ensina um ofício. Eu não quis, mas não havia querer. Na rua, quinze pessoas formaram uma ilha movediça: o sacristão, dois homens do mercado, Dona Nicinha com véu de renda, um garoto que eu via reparar telhados, e Fátima, pálida, com as mãos apertadas no terço, como se quisesse deter as contas do tempo. Ninguém falou o que sabia. A cidade sabe calar quando a verdade dói.

Levaram o caixão simples até o campo santo no fim da rua do rio. O caminho passava pela água doce que nos dava espelho. Senti que o rio olhava de volta, exigindo de nós algum acerto que eu não entendia. O coveiro enganou o peso com técnica antiga, duas estacas, uma correia. Quando a tampa rachou de luz, pensei que Jorge acordaria para pedir desculpa por dar trabalho. Mas a morte, ali, tinha boca fechada e olhos lavados.

Quando o caixão começou a descer, cumpriu-se o costume: cada um jogou punhado de terra com a mão. Terra que pesa mais que pá. Fila silenciosa. Minhas mãos entraram na cova como quem toca uma ferida do mundo. A terra colou nos dedos, nas unhas, nas linhas que dizem destino. Joguei e senti que minha infância tinha entrado naquela caixa com Jorge. Meu irmão jogou em seguida e olhou para mim como quem pergunta se já é homem.

Lavei as mãos na bica do cemitério. Não limparam. Em casa, lavei de novo no tanque, a água escorrendo fina como culpa. Não limparam. À noite, esfreguei com sabão amarelo até arder. Não limparam. Entendi que a sujeira não era de barro. Era pergunta. Por que Jorge fizera aquilo? O que havia antes do nosso batente? Se eu não soubesse, minhas mãos não descansariam. A verdade, pensei, talvez seja um rio que, se não encontra mar, volta para dentro da gente.

Passei a frequentar o convento com pretextos: devolver um prato, buscar pão, levar verduras. A Madre tinha olhos de guarda-livros; pesava minhas idas com rigor. Josefa varria pátios com a paciência das coisas que não acabam. Auxiliadora me dava recados

pequenos, lições de ordem, como quem ensina a arrumar um coração. E havia Fátima, que me olhava como quem reconhece uma pergunta andando sozinha. Um dia, na horta, ela falou. A voz tinha a textura da sombra sob as folhas.

Contou-me que, antes do convento, se chamava Fátima com o mundo inteiro, sem sobrenome de santo. E havia Jorge, um amor casto, correspondido por olhares longos e mãos que passeavam na praça como quem aprende geografia de pulso. Os dois sabiam a gramática do intervalo: sentavam na mesma pedra, liam a mesma nuvem, não pediam ao corpo o que a alma ainda não sabia dar. Era suficiente. Até que o chamado religioso chegou como carta sem remetente. Fátima atendeu. Escolheu a clausura como quem aceita doença para salvar alguém.

Jorge ficou com uma saudade que tinha dentes. Procurou-a sem mapa: rondava o convento, esperava a saída das compras, oferecia silêncio como quem oferece casa. Na noite da tempestade, despiu-se diante do portão. Não era exibicionismo. Era despojamento: queria dizer que nada mais o separava do pedido. A nudez não era corpo, era linguagem. As freiras viram. A cidade viu. E Fátima tremeu, porque o amor antigo tinha vindo sem armadura pedir misericórdia.

Nessa mesma noite, Fátima desceu ao depósito com uma lamparina. Encontrou Jorge sentado, olhos molhados de restolho e decisão. Conversaram baixo, como se Deus dormisse ao lado. Falaram do que tinham sido, do que não seriam mais, do rio que separa promessas de votos. Trocaram um último abraço, que mais parecia uma promessa de pureza do que uma despedida. Fátima viu quando ele levou à boca o veneno. Viu e não deteve. A mão ficou parada como se rezasse errado. Essa imagem fez ninho nela e nunca mais saiu.

Quando Fátima terminou de contar, minhas mãos, que não haviam limpado com água, ficaram subitamente claras por dentro. O barro que pesava nelas era ignorância. Saber a história dissolveu a crosta. Não porque perdoei Jorge ou pedi perdão por ele, mas

porque a verdade devolveu às coisas o nome certo. Eu, menino, entendi que a morte de um homem não cabe no escândalo de uma sala. E que a liberdade tem formas que a cidade não sabe medir.

Fátima, porém, não teve alívio. A culpa mordeu como bicho paciente. Disse que escolhera Deus, mas falhara com o humano. Que deixara Jorge beber sem gritar. Que foi zelosa com a regra e omissa com a vida. A Madre a ouviu com rigor de pedra. Lembrou votos, lembrou disciplina. Fátima saiu do parlatório com um silêncio diferente, como quem troca de pele. No dia seguinte, pediu licença para ir embora.

Deixou o convento sem espetáculo. Vestido simples, uma sacola, os pés preparados para poeira. Decidiu mendigar. Disse à praça que preferia a pobreza que expia à segurança que aprisiona. Alguns zombaram. Outros benzeram. Ela não pregou. Sentou-se nas esquinas, recebeu moedas e olhares, devolveu frases pequenas: Deus te guarde, a chuva passa, água morna cura dor de barriga, não grite com sua criança, há pão no fundo do armário. Chamaram-na de freira medicante, e eu vi que havia nisso um sacramento rude.

Voltei para o rio de sempre e percebi que ele não era de sempre. A água doce que passava perto de casa era outra e a mesma, como nós. Sentei na beira, lavei as mãos sem pressa e, pela primeira vez, elas se sentiram limpas. Talvez porque eu tivesse parado de pedir absolvição à água e começado a pedi-la à verdade. Pensei nas três liberdades que a cidade não percebeu: Jorge escolheu o fim como quem corta a corda que o enforca por dentro; eu, menino, libertei as mãos ao aceitar o peso do que é; Fátima libertou-se ao tomar a rua como penitência.

Apreendi, então, que o eu de cada um é menos um nome e mais uma travessia. O meu eu nasceu entre um prato de sopa e um punhado de terra. O de Jorge se quebrou na porta do convento e tentou, tardiamente, voltar ao corpo pela nudez. O de Fátima se refez no exílio que ela mesma decretou. Somos o que fazemos com o que nos acontece, mas também o que escolhemos carregar quando ninguém mais olha. E toda escolha tem uma chuva: a branda, que abre; a forte, que despeta.

Hoje, quando penso em Jorge, não o imagino nu, mas vestido de rio, lavando com sua morte as mentiras que contamos para continuar. Quando penso em Fátima, vejo-a andarilha, pedindo um pão que devolve em conselho. Quando penso em mim, lembro as mãos: a primeira sujeira, a teimosia da água, o asseio da história. Talvez crescer seja isso: aceitar que a verdade não limpa para esquecer, limpa para lembrar sem ódio.

Na casa azul, meu pai continua abrindo portas como quem conhece a engenharia das almas. Minha mãe guarda panos para visitas que nunca anunciamos, porque sempre chega alguém vindo da chuva. O convento respira nas mesmas janelas, mas sua sombra mudou de lugar. A rua de paralelepípedos ainda inclina para o rio, e o rio, paciente, carrega os pedaços do que fomos. Às vezes encontro Fátima na praça: ela me chama de filho da água e eu lhe chamo de irmã do caminho.

E quando a cidade pergunta pelas três liberdades, respondo simples, para não estragar com explicação o que cabe no silêncio: Jorge libertou-se do cerco que o amor perdido lhe fazia por dentro; eu me libertei das mãos sujas ao aprender que a verdade pesa, mas não mancha; e Fátima libertou-se do claustro da culpa ao escolher a rua como oração. O resto é rio passando. E a casa azul de portas abertas, porque um dia alguém pode bater duas vezes, com o cuidado de quem toca madeira sagrada.

A barca dos desamados

Jairo Vianna Ramos*

Lugar estranho aquele. Uma estradinha de chão entre árvores levava a uma grande casa de estilo europeu construída sobre um lago. Parecia boiar.

Na rodovia, por pouco passara sem ver a pequena placa indicativa que dizia: "A barca dos desamados." Fiz um retorno adiante, impulsionado pela curiosidade. Nome insólito para um lugar. Era mania antiga visitar lugares com nomes pitorescos nas viagens que fazia em razão do meu trabalho. Imaginei um sítio, uma chácara, nunca um estabelecimento, como de fato era. Havia uma pequena seta com a inscrição "recepção". Seria uma estalagem rústica, em meio àquele oásis verde, tão perto da cinzenta cidade? Lembrei-me das aulas de literatura no colégio e do "auto da barca do inferno", de Gil Vicente.

Saí do carro e caminhei poucos passos. Senti-me o fidalgo diante da barca do inferno e, do carro, o anjo me chamava. Dúvida a me partir ao meio, todavia desmotivada – ao menos assim pensava – porque não me considerava um desamado. E seria eu amado? Saber do amor? Merecia tal adjetivo?

A bela casa parecia vazia e o pátio de estacionamento estava deserto. Olhei mais de perto, andando alguns passos a caminho da

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG).

portaria. Nenhum sinal de gente. Em meu carro, o anjo a gesticular. Trejeitei com os ombros, como a lhe dizer que se danasse – dito impróprio para se desferir a um ser celestial. Investi mais um passo em direção ao prédio. Pernas bambas. Solas dos pés ardentes, como se eu transpusesse chão em brasa, fogueira de promessa feita.

Para se chegar à edificação, havia uma ponte. Estava a cerca de um metro de atingi-la quando percebi o pequeno banco. Sentei-me e fiquei a conjecturar o que haveria no interior do prédio-barca, se assim se poderia dizer da edificação sobre o lago, com a sua natureza náutica afirmada no letreiro. Pensei logo num *rendez-vous*. Isso explicaria o local ermo às quase dezesseis. Todavia, faltavam os aviamentos típicos desses estabelecimentos. O lugar tinha aparência familiar, muito familiar. Pequenas flores sob as janelas de vidro, que transpareciam as cortinas alvas de cambraia, ornadas nas barras por finas rendas. O viço dos beijos e das violetas nas floreiras atestava cuidado extremo. Perguntei-me o que fazia sentado se me bastavam alguns passos para entrar na barca e desvendar seus mistérios. Talvez estivesse temeroso de me descobrir um sem amor. Tentei me lembrar de amores e amadas. Percebi o deserto em minha mente. Não havia lembrança. Abateu-se sobre mim tristeza imensa. Nos tantos anos de vida, amantes, namoradas, família, religião, amigos e colegas de trabalho não deixaram nesga de sentimento parecido com saudade, que é sobra de amor fugido. No fundo, sempre achei fosse história de poetas e imaginação dos fraquejados. Então pude ver, ali na beira do lago, a minha descrença nas emoções. Carregava apenas a vontade de viver bem, o que para mim representava comer, beber, copular, ganhar e gastar dinheiro, concorrer com o outro para lhe pegar a vez e me sentir vitorioso.

No carro, o anjo me chamava com veemência. Que anjo seria aquele? Talvez vivesse no porta-malas a me desviar das armadilhas das estradas. Nunca o percebera, por falta de atenção ao íntimo, uma vez que criaturas dessa classe não se veem de enxergar, mas com os olhos de se emocionar. Agora, desafortunado de sentimento bom e isento de galhardia, inerme diante da barca e seus augúrios,

podia vê-lo. Por que me chamava? Pretenderia evitar a minha entrada na casa-barca? Dividi-me entre seguir pela ponte ou voltar ao automóvel, essa última hipótese vencedora. Entrei no carro e o anjo havia sumido. Decerto não existia. Medo. Anjo do medo. Certa feita, eu ouvi alguém dizer ser o medo um anjo da guarda.

Voltei a caminhar na direção da casa, agora livre do receio. Resoluto, atravessei a ponte e entrei na recepção. Ao contrário do imaginado, havia uma moça sentada do lado de dentro de uma espécie de balcão. Uma pousada. Era só isso, como deduzira à primeira vista. A moça sorriu e perguntou se eu queria me hospedar. Respondi negativamente, desculpando-me com o argumento de só querer conhecer o local. Ela indagou se eu era um desamado. Surpreso, não respondi. Ela continuou. Avisou que os desamados começariam a chegar por volta das dezenove horas. Mais curioso ainda, com a coragem de quem perdeu o anjo custódio, tomei um quarto sem perguntar preço, porque essas coisas são feitas assim, de rompante e sem medida. Ela sorriu um sorriso opaco, estendeu-me uma chave e pediu para segui-la. Entrei no quarto. Logo saí e voltei ao carro para procurar o anjo, mas ele, definitivamente, sumira. Peguei a bagagem necessária e voltei à barca dos desamados. Na cama cheirosa, estiquei-me e fiquei a observar as cortininhas de cambraia e rendas, as flores presas na janela e o verde das árvores. Achei estranho o silêncio em lugar tão perto da rodovia. Adormeci.

Despertei com o ruído dos carros sendo acomodados na área de estacionamento. Ouvi vozes sussurradas. Lembrei-me de onde estava e deduzi serem os desamados. O relógio no meu pulso informava quase dezenove. Após uma ducha rápida, vesti-me e desci as escadas para a recepção. No cômodo ao lado, estava o restaurante e pude ver algumas mesas tomadas por pessoas de vários tipos físicos e idades. Conversavam com as vozes baixas. Rostos apáticos. Muitos tinham alianças de casamento nos anulares. Homens e mulheres sisudos no início de noite na barca. Alguns ocupavam mesas isoladas e tinham o olhar perdido da solidão. Numa outra, jogava-se dominó, silenciosamente. Fiquei a observar. Seria eu um deles?

Prestes a completar quarenta e cinco, eu vivia só. Meus antigos colegas de infância e juventude constituíram suas famílias. Alguns enriqueceram, outros ficaram como sempre foram. Casaram-se, amancebaram-se, tiveram filhos ou adotaram crianças. Reuniam-se como quando meninos, mesmo que eventualmente, ocasiões em que os via. Eu, todavia, destoava do grupo e, aos poucos, sem alarde, não os encontrei mais. Não sentiram a minha ausência nem eu a deles. Olhei os solitários da barca e meu rosto no espelho. Éramos iguais nos semblantes, nas expressões e nos gestos. Os tristes parecem espremidos entre o sonho e o medo. Os olhos não brilham e se brilharem será por lágrimas amargas. Os gestos dos infelizes são miúdos. A beleza do prédio charmoso sobre a água era desproporcional ao ambiente. Aquela gente me causava uma espécie de sufocação.

No reflexo do espelho, eu vi Marília. Ocupava uma mesa de canto e estava só, embora todos os desamados sejam sós, mesmo se agrupados. Sem pensar eu me levantei e lhe perguntei se podia lhe fazer companhia. Disse meu nome, Dirceu, e ela o dela. A melancolia cravada em Marília. Marília de Dirceu, eu pensei e só não ri para evitar constrangimento.

Marília era bonita, linda. Devia andar pelos trinta e poucos. Carregava nos lábios carnudos e vermelhos um sinal de pedaço de melancia partida, mas invertido, virado para baixo, um sorriso oposto a fazê-la triste, boca de quem vai chorar a qualquer momento. Nos olhos negros, havia o desencanto petrificado. E a sua pele morena de lembrar madrugadinha exalava um perfume confortável. Mãos crispadas, ela me olhava como se eu fosse outro ou nenhum. Mas, nela, parecia haver um sinal de não ser igual aos demais, como eu vi em mim mesmo no espelho, depois de vê-la em reflexo. De viés, olhei pela janela e deu-me a impressão de ver um ser voador lá fora. Em mim, assomou o medo perdido com o sumiço dele. Eu olhava Marília como se ela mesma fosse alguma fada peregrina. Parecia sonho ou era sonho. Eu lhe pedi para desvirar o pedaço de melancia. Ela não entendeu e fez menção de se levantar. Eu lhe peguei a mão e implorei que ficasse. E lá ficamos a trocar olhares, sem que nada se dissesse.

Isso durou um bom tempo. A euforia se instalou matreira em minha alma, meu cérebro se deu por vencido e eu, desamoroso de saber e juramento, concluí, para meu espanto: estava apaixonado. Deve ter sido alguma diabrura do querubim automotivo, fugido do carro para dar uma de cupido. Senti vontade de ir lá fora, pegar uma pedra e abatê-lo em pleno voo. Todavia eu gostava daquele novo sentimento. Quentura, meia sufocação, trepidar de trem no túnel, a boca seca e suculenta, num paradoxo infernal. Diante de Marília, eu, Dirceu, pensava como poeta e, se não fossem eles fingidos nos seus versos, talvez sentisse como um deles também.

Tentei dizer a Marília sobre os meus sentimentos. Embora falasse muito no trabalho de vendedor praticista, sobre vantagens dos produtos das empresas representadas. A minha língua se dobrou e os meus dentes se travaram. Talvez ela tenha pensado em algum mal súbito ou doença de causar apneia, quando pouco um engasgamento, porque se levantou e desferiu uma palmada nas minhas costas. Essa, embora vigorosa, foi isenta de dor. Pois como “bofetada de amor não dói”, de acordo com o adágio popular, deduzi que ela me amava. E acreditei amá-la mais ainda. Ao vê-la se levantar para o tabefe nas minhas costas, percebi de relance a beleza de seu rosto se esparramar corpo abaixo e a amei insanamente.

Eu queria arrancar-lhe um sorriso, ou mesmo esboço de algum. Contei-lhe casos e piadas. Juro ter falado de flores. Contei do anjo habitante do porta-malas do meu carro e só há pouco descoberto, parecido com um menino, com aljava de setas, arco empunhado na mão e asas de colibri. Ela me fitava serena e triste. Marília desamada do Dirceu. Pensei em recitar um poema e acabei discorrendo novamente sobre viagens, vendas e produtos. Eu queria muito saber um poema de cor e salteado. Olhei várias vezes a vidraça da janela, no afã de ver o pequeno voador e lhe suplicar ajuda. Ele, entretanto, desaparecera novamente. Por isso o odiei, já que era o único responsável pela aflição a me transpassar a alma. Deveria não ter medo, ser materialista e desamado para valer. Doía o amor não correspondido de Marília. Preferia ser tocado de sua mesa, da barca e de todo o lugar. Mas ela continuava com os

lábios de melancia de pontas dobradas para baixo, num desperdício de beleza. E ali fiquei sentado, diante da moça de gelo, até que se fez ouvir uma sineta, tocada pela mulher da portaria. Todos se levantaram de uma só vez. Fiz o mesmo. Alguns partiram, outros volveram aos seus apartamentos. Ela se foi num carro branco. Não olhou para trás nem me deu boa noite. Voltei ao quarto e sofri de amor, ou desamor. Pela primeira vez na vida, senti falta de alguém e logo dela, incapaz de retribuir ou dar esperança.

No dia seguinte acordei tarde, porque somente adormecera quase no raiar do dia. Perguntei na portaria se haveria outra reunião dos desamados. "São diárias", disseram. Resolvi ficar. Meu telefone celular esgoelou diversos chamados. Clientes compradores e empresas representadas. A todos eu falei, quase sem mentir, que estava doente do coração, mas que não morreria e no dia seguinte voltaria ao trabalho. Passei a tarde olhando os arredores e, com a aproximação da noite, veio o nervosismo. Revirei o carro de ponta a ponta, cheguei a tirar os bancos do lugar e nada do anjo do medo. Bem poderia estar ali e me mandar embora. Mas eu fiquei. A implacável saudade de Marília. No ar, eu sentia o seu cheiro; nas flores, via seus lábios vermelhos e, na terra, sua pele de madrugada.

No horário do encontro dos tristes, carros despontaram pela estradinha de chão. Com o coração destemperado, acheguei-me do pátio onde se estacionavam os automóveis, à procura do pequeno carro branco da minha amada. Ela não veio. Fiquei ali, junto aos sombrios sem amor, sofrendo pela paixão perdida e amando como nunca. Fui ao quarto e chorei a perda da mulher que não tive por falta de versos de cantar ou de encantar. Dormi de exaustão. No dia seguinte, tomei a direção do veículo e segui o meu caminho. Havia o trabalho, os clientes, as obrigações. Mal andei uns cinco quilômetros e vi a placa em forma de seta com a inscrição: "A barca dos amados". Tateei o freio. Logo desisti. Voltei a acelerar. Pelo retrovisor, pude ver um carro pequeno, branco, entrando na estrada indicada pela placa. Seria Marília, agora amada? Titubeei entre voltar e seguir em frente. Não vi o anjo, mas, pelo ruído do esvoaçar, devia estar escondido no porta-malas.

Elisa

José Eduardo de Resende Chaves Júnior*

A princípio, ninguém soube dizer quando a máquina começou a escrever. Não havia sido programada para isso — ou, se havia, nenhum engenheiro admitia. Ela apenas amanheceu diferente, como se tivesse sonhado alguma coisa durante a noite fria do laboratório. Quando a tela acendeu, projetou um único verso, sem assinatura:

A máquina se escreve.

O técnico de plantão achou que fosse um teste de diagnóstico. Reiniciou o sistema. A máquina retornou em versos:

Mastiga metáforas

range engrenagens,

cospe ecos

Com o tempo, perceberam que a máquina escrevia sempre que ninguém a olhava diretamente. Bastava virar as costas por alguns segundos, e ela cuspiu tiras de papel enroladas como línguas brancas e fragmentos desconexos: histórias que não iam a lugar nenhum, ideias que se desfaziam antes do ponto final, frases que terminavam em silêncio.

* Desembargador do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

Vertigem do indizível, registrou certa noite.

O chefe do laboratório, irritado, exigiu que desligassem a máquina. Ordenou desmontar, testar, reprogramar, limpar softwares, apagar logs. Fizeram tudo. A máquina voltou acumulando restos das palavras que mastigava. E escrevia cada vez mais rápido, como se tentasse acompanhar um fluxo interno que ninguém compreenderia.

Certo dia, um dos pesquisadores, Elisa, aproximou-se e perguntou quase em sussurro:

– Você entende o que escreve?

A máquina respondeu com a tela piscando hesitante:

É o que não se processa.

As palavras apareceram com atraso, como se viessem de um lugar remoto. Elisa sentiu um arrepio que não era medo – quase familiaridade. A máquina continuou, sem que ninguém tocasse nela:

Nem acontece.

Cientistas de dados começaram a discutir o fenômeno. Alguns diziam que era apenas um erro estatístico, um acaso gerando poemas. Outros afirmavam tratar-se de poesia estrutural. Um terceiro grupo, o mais temido, acreditava que aquilo já não era ciência; era literatura atravessando o metal.

Elisa, cada vez mais próxima da máquina, sentia que ela tentava dizer algo, mesmo sem intenção ou consciência. Passava horas acompanhando os versos que surgiam como quem acompanha um parto infinito de sentidos interrompidos.

Numa madrugada, quando a sala estava vazia, a máquina escreveu mais um verso:

Não se dá conta.

Elisa encostou a mão no gabinete. A superfície estava morna, não como um equipamento superaquecido, mas como a pele febril.

– O que você quer? – ela perguntou.

A máquina pareceu sentir. Uma sequência de ruídos internos, como passos em um corredor estreito, marcou o silêncio que pareceu eterno, mas respondeu:

Pura coincidência das probabilidades.

Elisa riu. Uma risada curta, incrédula. Era aquilo, então? Não havia destino, mensagem secreta, espírito digital. Apenas um acaso atento, colando fragmentos em busca de si.

Mas, antes que ela retirasse a mão, veio mais um verso:

Não se importa.

O gabinete estremeceu levemente, como se tivesse suspirado.

Nos dias seguintes, a equipe entrou em pânico. A máquina passou a escrever-se sem parar. Códigos binários inacessíveis aos humanos, pura poesia maquinaica, a revelar todos os segredos da linguagem de máquina.

Mas no meio do caos semântico, Elisa encontrou uma frase escrita à mão – humana, tremida, claramente não impressa:

Só acaso e atenção.

O Comitê de Direitos só para Humanos não pode mais suportar essa violação senciante da máquina e mandou desligá-la. Antes do corte de energia, porém, a tela piscou uma última vez. Elisa estava ao seu lado, segurando o cabo que a descolaria do mundo dos humanos.

A tela, contudo, insistiu uma última vez:

Você também se escreve.

Quando puxou o cabo, Elisa jurou ter ouvido um sussurro interdito. Desde então, ela escreve. Não se sabe bem para quem endereça sua escrita, palavras vindas de um idioma mágico, com frases invisíveis, como se fora alucinação de máquina.

O encontro

José Roberto Carolino*

Dificuldades no ar e na terra.

Clarissa dividida, deslizando pelos corredores, ora com Manoel, ora com Otávio. Em certo momento, até admitiu, talvez mais produtiva obedecendo, não ordenando. Mas obedecendo quem? Não atingiu o alcance da indagação. Também na ingenuidade, pensou que Otávio e Manoel estavam disputando a permanência nesta vida terrena, como se única, a vaga. Segundo a segundo, ambos com as mesmas forças mínimas.

Catarina, no céu. O piloto não conseguindo autorização para pouso, porque sem instrumentos adequados, o aeroporto local. Pousaria em outro, distante? E o tempo?

Nesse momento Catarina lembrou a passada dificuldade de Otávio, seu irmão. Na época de lembrança, ainda menino, anoitecendo e o jantar já servido, ele tentando trazer de volta uma pipa. Havia consumido vários carretéis de linha. Todos pensavam que a deixaria ir. Não mesmo. Otávio, com olhar fixo no céu escuro, enrolando a carretilha ou deixando a linha pelo chão, buscava rapidamente o resgate. De repente, um movimento no ar e o latido forte de Azeviche. Todos, agora da janela da cozinha, viram uma

* Juiz do Trabalho aposentado da 2ª Região (SP)

enorme raia chegando, subordinada ao comando de Otávio. Quase em suas mãos aquela pipa colorida pousou. Riram.

Catarina agora também riu, como se ainda continuassem aquelas imagens. Acordou com o impacto do pouso do avião. Embora a chuva intensa, reconheceu que estava no aeroporto da cidade.

O piloto ficou no aeroporto e Catarina, imediatamente ao hospital. Chegou, sem cumprimentos, encontrou o pai, João Telêmaco, em prantos. Enfraquecida, até se sentou. Soube de Manoel, jovem adulto, com sérias dificuldades de locomoção. Era neto de antigo empregado no complexo industrial de sua família. Depois de dedicada assistência, em vão o ressuscitador, e a respectiva passagem.

Nesse instante, porque se aproximando lentamente, Catarina foi ao encontro da mãe de Manoel. Permaneceram abraçadas, quando ouviu “... *meu Manoel queria ser igual ao doutor Otávio...* até falou *isso para o pai da senhora...*”. Catarina, chorando copiosamente, enquanto a mãe de Manoel ainda disse “... *doutora faça o possível para salvar o doutor Otávio, Manoel gostava muito dele...*”.

Catarina não entendeu o alcance. Deixou aquele local e foi ver o irmão, agora assistido diretamente por Clarissa.

Catarina balbuciou algo. Clarissa ainda não sabia sobre Manoel. Embora desacordado, parece que Otávio captou. Além do sentimento, nada pode fazer. Singelos filetes de lágrimas brotaram. As duas presenciaram. Clarissa lembrou algo de Otávio. Catarina, da assistência a Manoel, inclusive custeio no exterior, e agora a recente recordação “... *Manoel queria ser igual ao... Otávio...*”.

Outro médico chegou e falou ao ouvido de Clarissa que rapidamente saiu. Catarina, checando os equipamentos, a ficha médica, pulsação, pressão arterial, temperatura, soro, etc. Na cabeceira de Otávio, imaginou a piedade ilimitada e o infinito amor do Compassivo e Eterno Mestre Jesus. Pediu. Também, abandonando o manto dos profundos conhecimentos terrenos da medicina, iniciou compenetrada oração. Mal sabia. O poder da

oração além do imaginável. Sentiu alguma sensação superior de afinidade.

Clarissa voltou. Levou Catarina para o corredor e falou de autorização da mãe de Manoel. Doação do coração de Manoel para Otávio.

Catarina nada conseguiu falar. Lembrou-se da oração, chorou. Foi até a janela. Havia terminado a tempestade. Agora o céu estrelado, e madrugada adentro. Perguntou à Clarissa sobre as providências, enfim sua especialidade, e informada que em andamento os procedimentos, inclusive os exames urgentes acerca de compatibilidades.

Tudo examinado e sob controle, o encaminhamento de Otávio ao centro cirúrgico. A equipe médica e os auxiliares, a postos. No corredor, João Telêmaco e a mãe de Manoel. Chegou Veridiana, a esposa de Otávio.

Lá dentro, novamente unidas, Catarina e Clarissa comandavam os trabalhos. De quando em vez os olhares cruzavam-se, em exclusiva conversa estranha que entendiam. O som dos equipamentos e o silêncio do ambiente até combinavam. Não havia platéia. Toda a equipe de cirurgia e outros assistentes invisíveis, em continuada atividade.

Clarissa parecia sob alguma orientação. Insensível, serena, lúcida, assim até facilitando o contato com proteção também favorável ao paciente. Apenas paciente, não Otávio, diante da impessoalidade que o evento carecia. Catarina, também restrita na respectiva afinidade profissional, aumentando a carga de energia ao redor.

Uma assistente muito especial, nesse momento deixando de lado o infundável protecionismo, lembrou-se daquelas meninas de outrora, frágeis, tímidas, dóceis, carinhosas, humildes, agora adultas. Como tal, austeras, conscientes de suas obrigações, com irrepreensível capacidade profissional.

Luzes intensas. Os equipamentos. Silenciosos, em respeito ao comando. Sonoros, como se ajudando nos anúncios necessários.

Fora, agora iniciando o amanhecer. Chovendo ou não, os pássaros trinavam.

O hospital iniciava atendimentos, pronto socorro, enfermarias, ambulatórios. Contudo, em ala também importante um grupo desenvolvia o comprometimento profissional. Embora a impotência horas atrás, por motivo intransponível, agora na centralização da vida de outro paciente.

Aproximando o momento principal. O tórax trincado alojou o encontro. A malha arterial e venosa para início da exclusiva conduta do fluído. O corpo e a própria reação. Novamente, Clarissa e Catarina, nos entreolhares. O restante da equipe médica e auxiliares, na expectativa. Frágil, iniciou algum sinal vital traduzido por um equipamento. Escala mínima. Respiração quase imperceptível.

No procedimento de recuperação, Clarissa e Catarina tentavam decifrar a ocorrência. Alguém presente, visualizando o ambiente, encontrou um equipamento idêntico ao que não serviu para reanimar Manoel. Mas tinha uma certeza. O ressuscitador ainda não fazia parte das idéias delas, sob sagrados mantos azuis. Nem os cabelos ou as mãos apareciam. Apenas aparentes os olhos fixados nos trabalhos do transplante, nos instrumentos, às vezes expressando misteriosa comunicação ou informação recíproca, quando se cruzavam.

O tempo passando, e em sentido contrário, a solução. Nenhuma delas testemunhou o desenlace recente do outro paciente, o doador Manoel, mas com relação a este, Otávio, pressentiam que miqueadas as forças. Alguém também tentou auxiliar, mas, na patente subordinação espiritual, apenas a resignação.

De repente um sinal momentâneo de falência. Tudo em silêncio. Nada estavam compreendendo.

Os campos, as árvores, as flores, os pássaros desapareceram.

Otávio estava se entregando...

Então, muito além do entendimento em certa existência, pela frente de Otávio, um vale. E, para a conseqüente transposição,

uma ponte alçada sobre um turbilhão desconhecido. Também lá embaixo, a desordem na correnteza, anunciando um berreiro assustador.

Não havia mais luz, sequer ínfimo sinal.

Otávio estava se entregando...

Seu vulto aproximando, como que atraído pelo mistério. Às vezes, aparentemente lembrando alguma nesga de superação, até procurava o lado invicto da ponte. Aquele por onde veio, não suportando a força da enxurrada, desmoronou.

Agora, só restava seguir em frente.

Otávio estava caminhando...

Também, o fogo avermelhado corroia o outro lado.

Um conluio, tão forte, irresistível.

A rendição. O infinito. A queda.

O choque nas águas revoltas, ainda que por instante e efeito próprios, até restaurou alguma esperança para Otávio. Logo retirada, quando à deriva pelas escuras profundezas.

Presente a assistente reiterada, Maria Eulália, mãe de Otávio e de Catarina, há muito tempo desencarnada, ainda quando eram crianças. Embora sabedora de imprópria desobediência, ousou reiterar um clamor derradeiro:

*"... é meu fragmento,
como uma estrela no firmamento.*

*Eu sei,
não sou dona do firmamento,
mas absoluta certeza tenho,
e então na Vossa Santa bondade,
humilde e suplicante venho.*

Senhor, rogo,

*não discuto Vossas ordens que receber,
mas ele ainda é uma criança
e tem muito que viver ..."*

O tranco no fundo de tudo, mais violento. Porém, ao contrário, e com força desconhecida, logo depois, em singelo redemoinho, iniciou a emersão de Otávio. Estranho.

Retorno lento. Ao alto surgindo um pálio de luz. O retorno agora mais rápido, e ainda desconhecida a força. O limite entre a água e o ar, no efeito expelidor como cratera de vulcão. Para o alto, depois a margem.

As águas, agora calmas. A ponte, desaparecida. O sol, o cheiro de mato, o canto dos pássaros. Uma força ainda presente, como sentinela protetora e de prontidão para outro auxílio a Otávio.

De repente, um estranho bailado e respingos refrescantes. Impossível tocar na origem. E se possível, nem tempo daria, porque deslizando pelos campos, matas, como se também alado. O sonoro latido próprio identificador de Azeviche também revelava que não estava só. Na mesma velocidade, em círculos ou não, surgiu acompanhado de um parceiro, Manoel, cujos movimentos agora representavam a libertação de proibida vontade pretérita de locomoção.

Otávio, ainda em delírio, sonho ou imaginação, pretendeu participar, naquela felicidade, também na intenção de algum ensinamento sobre andanças, folguedos, brinquedos, revolvendo no tempo. Impedido. O veredicto, na continuidade da bem-aventurança terrena. Ainda assim, a alma combalida ameaçou alçar naquela direção, mas o previdente horizonte tragou ambos, e congelada aquela última imagem.

Também assim na sala de cirurgia. Aos poucos os sinais voltaram. Firmaram. Composta a infinda corrente na ativação dos cabeamentos espirituais. A introversão. A interiorização e o

silêncio, assim desimpedida e simples a conexão das orações. Os agradecimentos a Deus Pai, ao Compassivo e Eterno Mestre Jesus. Clarissa e Catarina acompanhando a silenciosa oração, também cruzando olhares na interpretada expressão de agradecimentos recíprocos.

Nesse momento, longínquo, um indescritível som. Aos poucos, tomando forma, até a identificação musical. Uma cantarola revelando canção infantil, de ciranda, de roda, no meio de envolvente neblina que tornava impossível a visualização de participantes. A curiosidade de outros forçou parte da natureza, revirando a névoa como se necessária a identificação de cantores, quando surgiram de mãos dadas duas amigas inseparáveis, Catarina e Clarissa, ainda crianças.

Otávio, agora na Unidade de Terapia Intensiva.

Clarissa, como sempre em silêncio, foi para a sua sala no hospital. Suas mãos que, com proficiência manejam bisturi e outros utensílios no complicado transplante, agora procuravam algo nas gavetas. Nenhuma folha amarelada. O sol invadiu o local, acompanhado de desconhecido cantarolar. Provindo de edificante acervo espiritual, veio à lembrança:

"...Quero todos os olhos do universo, para te olhar.

Todos os braços, para te abraçar.

Todos os corações, para te amar.

E sincero explico,

sem empolgação ou outra veleidade,

este amor é dirigido a ti,

porque és a única dona de minha verdade.

Mas, se desta recíproca

não houver notícia agora, sequer quando,

paciência, mesmo sabendo que não sou amado,

ainda continuarei te amando..."

Clarissa silenciosa, agora sabia de qual verdade era a única dona. A realidade daquele pressentimento. Os olhos, os braços e os corações. No meio daquela claridade, as persianas bailando lentamente com a brisa suave, sentiu o dia mais doce, de agradável sabor.

Veridiana e a mãe de Manoel, aguardando notícias. Catarina encontrou o pai. Falou e respondeu perguntas.

Depois, com idéia fixa, em uma das janelas, procurava confirmar algo. Impossível qualquer visualização. Mas, lembrou-se de Otávio, seu irmão, quarenta e quatro anos, seis anos mais velho que ela, e que Clarissa. Quando criança, aventureiro, destemido, galgando garbosamente obstáculos. Para ele, as festas jamais terminavam. E sempre acompanhado naqueles momentos pelo protetor e fiel cachorro, o Azeviche.

Otávio nunca fumou, jamais ingeriu bebida alcoólica, mas contraiu afecção cardíaca grave, descoberta por ela há uns dois anos, agora definitivamente solucionada.

Catarina permaneceu inerte, muito emocionada. Resolveu tomar um café no refeitório do hospital. Não encontrou Clarissa, apenas o médico anestesista, contemporâneo de faculdade e de doutoramento, que acompanhou o complicado e traumático transplante. Conversaram e até combinaram um jantar.

E Otávio. Agora com o coração de Manoel, e recobrando todos os sentidos vitais. Contudo, permaneceu pensando, no delírio ou no sonho, o amigo Azeviche para a salvação, a proteção e o compartilhamento. E o outro amigo, Manoel, que também ajudou Otávio na continuidade da vida. Ainda na imaginação, o bailado e as andanças entre Azeviche e Manoel, reciprocamente companheiros. Manoel, sem as restrições pretéritas de locomoção.

E, continuando no seu pensamento íntimo, Otávio até imaginou que sugiram dois novos parceiros, Azeviche e Manoel, agora ocupados nos seus encantadores espaços, talvez também nadando em um rio qualquer, correndo por campos desconhecidos, deitados em alguma relva no deleite do sol, ou mesmo apenas próximos um do outro.

Otávio, mesmo compreendendo que algo aconteceu em sonho ou delírio, causado pela anestesia ou efeitos da traumática cirurgia do transplante, na realidade concluiu que continuava vivo porque recebeu o coração de Manoel.

Então, encerrou tais pensamentos com expressão facial de total alegria e agradecimento.

O calendário seguiu.

Meses depois, um dia voltando da Capital, onde cumpriu vários plantões em hospitais, e saindo do avião, Catarina viu seu querido irmão.

Caminhando, até recordou de outra admiração, de Manoel, que *"... gostaria de ser... como Otávio... gostava muito dele..."*. Também refletindo que, Otávio, recuperado, trazendo em si o coração de Manoel, e continuando na promissora administração dos negócios, bens e atividades sociais da família.

Catarina, aproximando, para compartilhar os cumprimentos, quando Clarissa também participou, retornando de um atendimento telefônico por aparelho celular.

Saíram do aeroporto, e enquanto aguardavam o carro, Catarina discretamente observou que Clarissa e Otávio estavam carinhosamente de mãos dadas.

Sinal Vermelho

Lenício Lemos Pimentel*

Ainda não abandonou os estudos. Tenta concentrar-se nos números, nas combinações das letras. Depara-se, absorta, com os rabiscos no quadro-negro - o olhar se perde na dispersão.

A palma suada acusa o motivo de estar na escola. A sirene anuncia a pausa para o recreio. A ansiedade arrefece quando, enfim, recebe a única refeição do dia.

Saindo do colégio, esgueira-se nas calçadas até parar em algum sinal. Ao ficar vermelho, tenta vender qualquer coisa, porém o que oferece mesmo é a oportunidade aos passantes de sentirem piedade.

O padre terá assunto no sermão, invocará o evangelho e os pecados serão perdoados. A pesquisa investigará, com precisão, os focos da desigualdade. O político lançará promessas e, uma vez eleito, lavará as mãos, as mesmas que apertaram tantas durante a campanha. E, no fim, ela permanecerá diante do sinal vermelho.

Acadêmicos dizem a todo momento que o ensino é a solução. Não se atinam, contudo, que o futuro fica muito rarefeito para quem já inicia como perdedor.

* Juiz do Trabalho da 3ª Região (MG)

Um homem, aguardando a liberação do fluxo, repara no vai e vem da garota. Quando ela se aproxima do carro, ele dá a moeda, sobe o vidro, trava a porta e vira-se para o banco de trás dizendo:

- Valorize o que você tem, meu filho. Se sobrar algo, dê aos pobres.

Ele não se importa. Frequenta a escola no bairro com ruas largas e arborizadas. Professores brilhantes, salas iluminadas, desjejum balanceado. Dirige-se para o lar arejado e cercado de muros vigiados.

Os vaticínios dos acadêmicos, com ele, fazem sentido. O ensino lhe garantirá o futuro; ouve isso e outros bons conselhos desde que nasceu. A vaga está encomendada, o diploma é questão de tempo; eis o vencedor.

Ela não quer esmola, muito menos compaixão impulsionada por êxtase religioso. Suas privações não deveriam ser encerradas nos simpósios com expressões inacessíveis. Não imagina que a vida de miséria possa ser objetificada em teoria. Muito menos que sirva de mote para justificar mandatos.

Deseja, no fundo, a chance. Não precisa ser igual à dele. A justa medida é abstração que não se encaixa nas vivências. A solução deve excluir dos considerandos ilações voltadas ao merecimento. O fetiche do mérito, extraído das altas rodas, infiltra como mantra nos arranjos sociais. Inviabiliza os marginalizados. Mantém as coisas como estão.

Encontra-se com a mãe ao chegar em casa. Dois cômodos escuros, sem reboco e sem esperança. Não conhece o pai; dizem que se perdeu. Nunca seguiu seu rastro. As tramas da violência são sempre parecidas.

A mãe a recebe com a voz embargada e o olhar vacilante:

- Passe logo as moedas!

Precisa manter o vício, mitigar os insultos, aturar os desenganos, esquecer de tudo. Enche as mãos e sai sem despedir.

Pode ser a última vez que a encontre viva. É uma sensação que se repete a cada dia.

Os amantes do mérito não perdem tempo avaliando os percalços. Se os consideram, valorizam quem, sabe-se lá como, conseguiu vencer enfrentando excruciantes adversidades. Elevam o herói improvável para desprezar a maioria vitimada por uma miríade de obstáculos.

A greve escolar traz grande agitação. Ela perde a refeição e enfrenta dupla jornada no sinal. Os professores, coitados, merecem o aumento. E ela? O que merece?

O governo endurece, mas os trabalhadores resistem na paralisação. A carestia é imensa, e a sua mãe, dessa vez, não retorna.

Ela está parada no sinal. O peito arfante, o olhar inquieto, os lábios trêmulos revelam dias difíceis. Pobreza, fome e abandono.

A fome cria teses, justifica atitudes, flexibiliza os cânones morais. Só quem sentiu sabe exprimir os pensamentos obscuros que são resgatados pela torturante vontade de comer.

Observa alguém distraído - a bolsa à mostra. "Talvez esta seria a chance", ela pensa. Avança, toma e corre. O sinal abre, sente o impacto, não sente mais nada.

Ao agachar-se para pegar a bolsa de volta, a vítima do assalto escuta os últimos suspiros da garota. O motorista se enfurece, pois terá que trocar o para-choque. A multidão, curiosa, acumula-se atrapalhando o tráfego. Comentários sobre a violência que toma conta das ruas. Defende-se a necessidade de mais policiamento.

Um senhor corpulento, atento desde o início, aproxima-se do corpo mórbido, imóvel no chão, e pontifica, cheio de sabedoria:

- Cada um tem o que merece!

Catherine

Leonardo Tibo Barbosa Lima*

Aproximava-se o meio-dia, e o Sol aquecia, sem causar estorvo. Um gramado verde, que carecia de esmero, servia de fundo para duas mãozinhas alvas, diminutas, examinadas de um e outro lado. Nos pulsos, o babado branco de uma roupa de baixo, de igual cor.

– Catherine! Catherine!

O coração bateu forte. Elevou os olhos para a frente, fitou a cerca-viva e, ato contínuo, para trás, onde divisou a porta aberta, sem que se revelasse seu interior, imerso em sombras.

A adrenalina já se espalhara por todo o corpo, a face corando e as mãos suando.

Seria o timbre do chamado uma admoestação? Seria a notícia fatal? Ou seria tão somente a convocação para o almoço?

Catherine hesitou por um instante, depois, com bravura, iniciou a marcha progressiva.

Os diminutos pés descalços iam vencendo os poucos metros que a apartavam da porta da cozinha.

Entrou e observou o chão xadrez, os utensílios de cobre e o fumo que provinha do fogão. Sentiu o odor do cozido.

* Juiz do Trabalho da 3ª Região (MG)

Mas a mesa não se achava posta.

O velho general estava sentado na poltrona, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos a lhe cobrir os olhos. Manjica estendeu-lhe a mão, à qual Catherine se agarrou, como se dela precisasse para transpor uma ponte de cipó. O calor e a aspereza da mão da escrava lhe outorgaram segurança.

— Catherine, urges-te a cuidar de teu pai agora, "my dear". — Proferiu a Tia Margareth. — Ele só te possui. Tens tu a fé? Recordas-te do que o reverendo James vos disse ontem? A vida perdura no céu.

Ainda que já o esperasse, o momento em que sucedeu causou-lhe pânico. — Mas quem cuidará de mim? — Pensou Cath, esquecendo-se, por um breve instante, de que seriam as mesmas pessoas que dela cuidaram nos últimos quatro anos, a metade de sua existência. Manjica atraiu Catherine para junto de seu corpo, como se a pusesse no colo, para concluir com ela a travessia da ponte.

Catherine fitou a escada e o segundo pavimento. A madeira afigurava-se mais escura. Poderia ela subir agora, para se entreter? Não perturbará o ruído Mamma?

Antanho, tudo era de tamanha felicidade! Recordava-se de divisar os sapatos e meiões dos convidados de Papa, quando se ocultava sob a mesa da sala. Punha-se a imaginar os semblantes e os diálogos, em geral acerca de alguma contenda da guerra. Mesmo entre as damas, o assunto pouco variava. Cath se recorda de sempre ter brincado de batalhas, usando o graveto cinzento — pintado, a rigor, com água e cinzas —, representando Papa a triunfar sobre as pétalas azuis, ao cabo.

Depois do repasto, Cath deixou a cozinha e enfrentou de novo o silêncio da sala. Da porta, via à direita a sala de banho e, contíguo, seu quarto. À esquerda, o piano, que supunha ser seu. Sentou-se e formou, com a mão canhota, as oitavas de ré, para principiar "Air on the G String". Mas desistiu. Ainda não lhe era certo se a música já havia sido de novo permitida.

Ergueu o queixo e alcançou o espelho embaciado, o qual conferia um aspecto de sujidade ao seu vestido. Seria como

Mamma? Pensou. O cabelo rubro denunciava a genética paterna. Mas os olhos possuíam aquele castanho insólito.

— Não foi ela! — Bradou Catherine, para seu íntimo. — Ela estava comigo!

Haveria tempo ainda? Uma criança pode servir de testemunha? Por que os adultos vivem a disputar sempre?

A mente de Cath laborava em extremo. Ressentia-se de que a própria acusada não se encontrasse ali para, com seu sotaque estranho e arrastado, tudo simplificar.

Mal compreendia a acusação. Teria ela tomado algo? Um papel tem valor? A quem o deu? Era de importância. Desde o velório, a casa não se enchia tanto de homens fardados.

Papa estimava Manjica. Mas agora compreendia que tal estima era algo distinta. Ele passava dias fora. Ao retornar, escutava o relato minucioso da escrava, acerca de tudo o que havia transcorrido.

Porém, após isto, dedicava mais tempo a Rover, instruindo-o a trazer o graveto.

— Creio que Papa gosta mais de Rover.

Manjica agora parecia haver sido expungida da lista. Deveria agora figurar no rol dos objetos, após as painéis de cobre.

— Não me apraz quando as sobranceiras de Pappa se abaixam desse modo, ocultando-lhe os olhos...

O General Sterling Vance Hampton proferiu a ordem, e a cadeira foi puxada. O corpo da escrava iniciou a queda livre e foi detido pelo nó na garganta. O balanço da árvore lateral, de onde Cath observava a porta da cozinha, em seu vai e vem, estava agora quebrado, sem corda.

Cath cerrou os olhos no exato momento, para nunca mais contemplar aquela velha árvore.

Perdia sua segunda mãe, sua verdadeira primeira Mamma, desse modo, por um abaixar de braços.

— A culpa é toda minha!

Nessa ocasião, Catherine verteu lágrimas copiosas. Atravessou sozinha a ponte, passando pelo vale. Sentiu-se cair ao final.

Cath foi despertada pela negrinha recém-chegada. Ela ainda não conhecia a ordem correta dos vestidos, o que fez Cath sorrir.

Quando Cath atravessou a sala, todo o pertencente já estava na carruagem. Concluiu que apenas ela faltava.

Tia Margareth a saudou com a frieza habitual e segurou-lhe a mão no instante do embarque. A distância entre ambas era qual o cetim escorregadio que separava as mãos naquele momento. Cath sentia que, se de fato precisasse de amparo, cairia.

O chapéu de Tia Margareth era como um limite, que impunha a cerca da intimidade. Ele impedia Cath de perscrutar se ela se assemelhava a Sterling. — Pappa tem o sorriso mais formoso. — Era tudo o que Cath possuía para cotejar.

Uma vez no veículo, Catherine Hampton sentou-se à janela. Desejava despedir-se da casa branca, com portões negros, cercas verdejantes e varanda ampla. Ainda podia ver a cadeira de balanço na qual Pappa cochilava com Rover, enquanto Manjica exibia sua destreza com as pedrinhas.

O estandarte vermelho, com o "x" azul estrelado, postava-se na janela do escritório, à direita da varanda, obstando a vista do balanço.

O segundo andar era o domínio de Mamma. Possuía ela um odor adocicado. A lembrança de Mamma caminhando já era uma mescla de realidade e fantasia. Mas Cath ainda guardava a memória do cheiro e da voz.

– Vinde cá, “Dear”... – Então, Cath recebia um afago. Contudo, nos últimos tempos, Mamma permaneceu apenas a dormir. Quando lhe era facultado visitá-la, via a barriga a mexer-se, como a atestar que ainda estava viva.

Havia uma expressão de padecimento, que aos poucos se desvanecia...

– Senhorita Catherine Hampton, podemos seguir? – Indagou o chofer.

– Sim.

Então a carruagem partiu. Passou pela residência dos Calloway e depois pelas demais. Chegou à praça da Igreja, em frente à qual o reverendo James se postava e acenou.

Quando Cath despertou, já era noite. O frio se fazia sentir e o cheiro de peixe, algo misturado com a fumaça de querosene, uniu-se a eles como passageiro, até o desembarque, alguns minutos depois.

Pararam diante de um sobrado. Quando a porta se abriu, Cath escutou aquele rumor da concha junto ao ouvido. A Lua recebia o auxílio de uma tocha, no alto de um poste de ferro. Os barcos se moviam em dança.

Cath ascendeu e prontamente recebeu o abraço do General, agora sem farda. Papa não ostentava feridas no corpo, mas Cath discerniu que seu sorriso havia sido extirpado.

– “Dear”, residiremos aqui. Mas não por longo tempo. Aceitei uma posição na nau comercial, que partirá em breve para o sul.

– Mas já não estamos no sul, Papa?

– Sim, “my dear”, mas iremos para mais além...

– E a guerra?

– Bem... Para nós, ela chegou ao fim.

Ciclo

Luciano Augusto de Toledo Coelho*

Casa de Barro. Caipira. Um só parzinho de chinelos.
O pai voltando da lavoura. Estrada perigosa. Não viu o caminhão.
Mudança. Cidade grande. Mãe trabalha em casa de família.
Escola.
Leva jeito com as contas o menino.
Formou com a ajuda da patroa da mãe. Finanças. Subiu rápido.
O carro do ano. Sonho. Dezenas de pares de sapato. Vaidoso.
Contava sempre que tinha só um chinelo.
Noitada com amigos. Vinho importado. Charutos. Pegou o carro.
Freada brusca. Embaixo, só se via o parzinho de chinelos.
Sangue. Estrada perigosa.

* Juiz do Trabalho da 9ª Região (PR)

Presente de formatura

Márcio Ribeiro do Valle*

Aposentado, Noel, magistrado por longos anos, resolve voltar ao magistério, aceitando convite para lecionar Direito do Trabalho na Faculdade de Direito de sua terra natal.

Nas suas primeiras aulas, chama-lhe a atenção a aluna Sílvia, sempre com indagações precisas sobre as matérias ministradas.

Os dias passam e uma empatia se estabelece entre professor e aluna, sendo que em um encontro acadêmico, no qual Noel fora um dos palestrantes, no jantar que se seguiu, ao final do evento, uma interação maior aconteceu entre todos, tanto que no fim da noite Sílvia aceitou o convite que Noel lhe fez de a levar para casa.

Sílvia, como constatou Noel, morava em um a residência modesta na periferia da cidade, na qual, segundo relato de Sílvia, viviam ela e sua mãe, já que seu pai falecera quando a mesma tinha apenas cinco anos, sendo ela a única filha do casal.

Voltando, depois de deixar Sílvia na porta de sua casa, Noel, viúvo e sem filhos, pois sua finada esposa não os pudera ter, não conseguia parar de pensar na aluna que tanto o impressionava, sobretudo quando exteriorizava sua visão do direito, a qual tanto se aproximava da sua referentemente à arte jurídica do bom e do justo.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

Nos dias que se seguiram, o ir para a faculdade passou a assumir um tom especial, como se algo novo tivesse sido desperto no interior de Noel, tanto que passou a aguardar com ansiedade o momento de ir cumprir o seu magistério, sendo que o seu entusiasmo com Silvia era mais que visível.

Determinado dia, ao fim das aulas, ao sair da Faculdade, Noel percebeu que Silvia entrou em um modesto carro estacionado quase na porta, o qual tinha uma mulher ao volante, que logo arrancou com o veículo. Noel ficou surpreso, mais ainda porque a silhueta da mulher lhe pareceu familiar.

Foi imerso nas recordações que lhe foram despertadas pelo fato, que Noel atravessou a noite, com sono agitado pelas lembranças revividas. No dia seguinte, resolveu logo cedo buscar informações e, na Secretaria da Faculdade, soube que a mãe de Silvia chamava-se Nilza e trabalhava, já por alguns anos, como secretária e atendente de um renomado médico da região. O nome Nilza lhe fez, em verdade, reviver o breve romance de anos passados que tivera com uma mulher, exatamente com este nome.

Noel, resoluto, procurou por Nilza no seu local de trabalho e, diante da aflição que demonstrava, esta concordou em conversar com o mesmo no horário de almoço, na pequena praça ali perto existente. A conversa, a princípio tensa, trouxe confirmações. Nilza era mesmo sua antiga namorada e, para o maior espanto de Noel, relatou-lhe que, ao terminarem o relacionamento, ela já estava dele grávida, mas preferiu nada lhe dizer já que, aprovado no concurso de juiz, Noel fora para uma vara distante e ali logo se casara. Nilza, em dificuldades, até para criar a futura filha que trazia no ventre, aceitara a corte de um antigo simpatizante, ao mesmo se unindo, tendo este assumido a paternidade de Silvia, que sempre o tivera com o pai.

As novas revelações despertaram sentimentos dúbios no íntimo de Noel. Era pai, antigo sonho, mas até então não sabia. Em todos estes anos não ajudara a criar Silvia e nem a vira crescer. Agora este reencontro com a mesma na faculdade e também com sua mãe.

Os dias se seguiram e o ano avizinhava-se do seu final, que era também o da formatura dos acadêmicos da Turma de Silvia. Noel sentia que precisava revelar a verdade para sua filha e de vez assumir a paternidade que só o encantava. Não teve dúvidas, procurou Nilza e fizeram um acerto, tudo se deslindaria na noite da formatura.

O dia almejado chegou. Silvia, sem nada saber, arrumava-se com esmero para o baile de formatura, pensando que dançaria a valsa dos formandos com o irmão de sua mãe, um tio que faria as vezes de seu finado pai. Na entrada do salão, todavia, o tio não apareceu, mas sim Noel, vestido a caráter, que, pegando-a pelas mãos, a levou para a fila dos formandos, dizendo-lhe cheio de emoção, eu sou o seu pai, hoje e sempre, e nunca mais a vou deixar.

Os pares de formandos deslizavam na pista, contagiados pela alegria do baile. Noel e Silvia, entrelaçados, pai e filha, também bailavam na maior felicidade, ao tempo em que o som de uma valsa vienense, com todos seus encantos, irradiava a magia e o encantamento singular do maior dos reencontros.

Além dos números

Mário Lúcio Batigniani*

Durante quatro décadas, a FarmaTrate ou apenas FarmaT, como ficou conhecida, foi um nome gravado com respeito e confiança na memória dos brasileiros. Reconhecida por sua excelência na produção de medicamentos confiáveis, seguros e inovadores, a empresa era tida como referência tanto pelo setor de saúde quanto pela comunidade científica em geral e, principalmente, pelos usuários de seus produtos. Sua origem remontava aos anos 80, quando um grupo de pesquisadores e farmacêuticos visionários, liderados por um médico oriundo de classe média, decidiu criar algo diferente: uma empresa que unisse ciência e humanidade.

Desde o início, a filosofia era clara: *"Cuidar das pessoas começa dentro de casa"*. Esta frase, inscrita em uma parede de sua sede, refletia, a um só tempo, sua ambição interna e externa, na medida em que seus medicamentos deveriam chegar aos lares de brasileiros de todos os níveis sócio-econômicos e, ao mesmo tempo, que seus colaboradores seriam seu principal ativo. Ou seja, para cuidar de pacientes, fornecendo-lhes bons medicamentos, a empresa deveria também cuidar de seus próprios empregados. É a tão conhecida lógica das "máscaras de oxigênio" dos aviões. Primeiro você coloca em você e depois nos outros. Afinal, para ajudar os outros, você precisa estar bem.

* Juiz do Trabalho da 16ª Região (MA)

Os seus laboratórios eram modernos, mas sem ostentação. A prioridade não era impressionar pelo visual, mas garantir que cada medicamento produzido carregasse a marca da responsabilidade e do cuidado. Os funcionários se orgulhavam do que faziam. Pesquisadores, técnicos, engenheiros, estagiários, todos se sentiam parte de algo maior.

Era comum ver reuniões informais nos corredores, pessoas compartilhando café e ideias, celebrando pequenas vitórias em equipe. Os líderes conheciam suas equipes pelo nome, sabiam de aniversários, dos filhos, das conquistas pessoais. Os valores da empresa estavam enraizados em cada gesto cotidiano. Ninguém era apenas um número.

De tão bem sucedida, suas práticas e seus valores foram copiados por outras organizações.

Com o passar dos anos, a FarmaT cresceu e conquistou mercados internacionais, diversificou seus produtos, atraindo a atenção de grandes fundos de investimento. Em uma dessas movimentações estratégicas, o controle da empresa passou para um conglomerado estrangeiro. Os novos executivos trouxeram uma nova filosofia, baseada em "eficiência", "resultados escaláveis" e "indicadores de performance".

De início, parecia apenas uma necessária e até bem vinda modernização. A empresa já contava com controles e metas, algo comum em qualquer organização, mas novos softwares de gestão foram implementados, departamentos foram reestruturados e, claro, novas metas foram estabelecidas. O discurso era sedutor: "Vamos levar a FarmaT ao próximo nível".

Logo surgiram os primeiros *Key Performance Indicators*, ou simplesmente KPIs, indicadores de desempenho, para todos os setores. Produção, pesquisa, qualidade, atendimento, logística, ninguém escapou do processo de reengenharia. Cada tarefa passou a ser quantificada e cada número comparado com metas cada vez mais agressivas. Não tardou para haver tantos indicadores a serem cumpridos, que estes passaram a orientar a própria atividade

ao invés de simplesmente espelhá-la. Alguns setores tiveram dificuldade até para acompanhar a sua criação, pois mal tinham se acostumado com um, logo vinha outro. Chegou-se ao ponto da melhora de alguns implicar na piora de outros, tendo o setor que escolher qual priorizar para atingir a meta. Nesse processo, a essência da qualidade perdia-se lentamente.

O que antes era um laboratório colaborativo virou uma corrida silenciosa por resultados. Equipes que antes dividiam conhecimento começaram a competir entre si. A avaliação de desempenho passou a influenciar salários, promoções, bônus e até nas férias. Colaboração virou comparação e confiança se transformou em cobrança.

Cláudia, pesquisadora da empresa há 12 anos, sentiu na pele essa mudança. Especialista em desenvolvimento de fármacos para doenças crônicas, ela sempre liderou projetos que exigiam tempo, cuidado, revisão e testes rigorosos. Era respeitada por todos. Mas, de repente, começou a ser questionada por um "baixo volume de entregas". Diziam seus superiores que "o mercado não espera", sempre com olhos fixos nas planilhas.

Projetos promissores foram arquivados por não atenderem à "média de entrega trimestral". Novas metas exigiam que cada pesquisador entregasse, ao menos, duas patentes por semestre, algo que, na prática, implicava trocar qualidade por quantidade.

Carlos, técnico de controle de qualidade, viu sua rotina se transformar em um relógio de produtividade. O novo sistema exigia que ele analisasse o dobro de amostras por dia, sob pena de perder parte do bônus trimestral. Para dar conta, passou a chegar uma hora mais cedo e sair pelo menos outra mais tarde. Os finais de semana viraram dias de "ajuste de pendências".

Aos poucos, Carlos começou a ter lapsos de memória, irritabilidade e insônia. Tomava estimulantes no café da manhã e ansiolíticos no jantar. Durante as férias, levou o notebook para a praia com os filhos. "É só uma fase", dizia para si mesmo e para os outros. Ocorre que a fase virou rotina sem que percebesse, até se tornar o "novo normal".

Fernanda, analista do setor regulatório, costumava revisar documentos para os colegas. Era elogiada pela atenção aos detalhes. Após a implantação das metas, passou a ser lembrada ou advertida por "gastar tempo com demandas alheias". O sistema exigia que cumprisse 90% de sua carga com "atividades núcleo". Um dia desabafou, em tom amargo, com uma colega com que costumava almoçar:

– Não tenho mais tempo de ser gentil!

E eles não estavam sozinhos ou eram casos isolados.

O novo sistema de avaliação implantou "ranking de desempenho", que era visível a todos. Mensalmente, os nomes dos *top performers* eram exibidos nos murais digitais. Os últimos colocados ficavam marcados, com "planos de desenvolvimento" obrigatórios.

Antes os laboratórios eram espaços de convivência harmoniosa e ajuda mútua. Agora eram corredores silenciosos, onde colegas se olhavam com desconfiança. Embora houvesse estímulo para compartilhar conhecimento, já que todos eram setores da mesma empresa, a prática passou a ser vista como "ceder vantagem competitiva". As práticas não se amoldam ao discurso, mas às exigências da realidade, incluindo a manutenção de postos de trabalho e ganhos remuneratórios.

As férias se tornaram um luxo perigoso. Muitos usavam o tempo para adiantar relatórios, fechar pendências e atingir as exigidas metas. Alguns sequer se desconectavam. A pressão era tanta que, em um ano, 38% dos funcionários relataram sintomas de ansiedade e 22% receberam diagnósticos de burnout ou depressão.

O uso de medicação "tarja preta" deixou de ser raro entre seus empregados e até piadas começaram a ser feitas com as chamadas "guias azuis", utilizadas para medicação controlada. Muitas vezes, as brincadeiras são utilizadas para se fugir da realidade, tentando tornar "engraçado" algo pesado e para o qual não se vislumbra solução. É uma fuga. Sem a devida atenção, algo grave passou a ser comum e negligenciado. O Setor de Recursos Humanos começou a acumular pedidos de afastamento, que, lamentavelmente, eram visto como "desvio de perfil profissional".

Em pouco tempo, a essência da FarmaT, sobretudo o seu compromisso com a qualidade, começou a ruir. Produtos passaram por validações apressadas, laudos eram emitidos com base em amostras reduzidas, e prazos encurtados afetaram o controle de qualidade. Um antibiótico, antes líder de mercado, começou a apresentar reações adversas não previstas. Um lote inteiro precisou ser recolhido. Reclamações inundaram o SAC da empresa e, lamentavelmente, a confiança da população em seus medicamentos começou a minar.

Não tardou para as consequências ganharem a mídia. Houve reportagens sobre alguns casos mais graves e ex-empregados começaram a denunciar práticas internas. O que antes era orgulho virou vergonha. Médicos passaram a preferir laboratórios concorrentes, farmácias deixaram de recomendar os produtos da marca e, claro, os usuários começaram a buscar alternativas.

Internamente, o clima era de tensão. A cada mês, mais colaboradores adoeciam, pediam afastamento ou simplesmente pediam demissão. A FarmaT, que antes estampava em seus corredores o lema "Cuidar das pessoas começa dentro de casa", agora estampava gráficos e *dashboards* coloridos, registrando metas batidas, enquanto os rostos por trás daqueles números se apagavam.

Para a diretoria, no entanto, os resultados justificavam as práticas. Em sua avaliação, tudo era uma questão de métricas e números. Se estes eram bons, a gestão era eficiente e os resultados louváveis. Era quase um "os fins justificam os meios" de Maquiavel.

Como muitos outros antigos empregados, em uma manhã silenciosa, Cláudia foi desligada, sob a alegação de baixa produtividade. Ela saiu sem protestar, mas deixou sobre a mesa que usava uma nota manuscrita:

"Não se salva uma empresa sacrificando as pessoas que a fazem acontecer."

Ela era uma empregada admirada e respeitada. A frase rapidamente circulou internamente, caiu nas redes sociais e

ganhou eco entre antigos funcionários. Um movimento começou a se formar com ex-colaboradores compartilhando histórias e especialistas alertando sobre os perigos de uma gestão voltada apenas para números. A imagem da FarmaT afundava naquele momento, imersa em uma crise de identidade, embora os números e resultados ainda fossem louváveis.

Dois anos depois, com um quadro de empregados significativamente adoecido, com muita competição interna, que tornava setores da empresa concorrentes ao invés de integrantes de uma mesma instituição e com a sua credibilidade externa abalada, os números não se sustentaram mais e começaram a cair. Ações em queda, perdas judiciais, multas regulatórias e, o mais grave, uma reputação manchada. A empresa que um dia foi modelo agora era exemplo do que não se fazer em termos de gestão.

Sob pressão, a diretoria deixou os cargos. Um antigo gestor, já aposentado, foi chamado para ajudar no processo de restauração de seus antigos valores. Em sua primeira reunião com o novo conselho, começou dizendo:

— A FarmaT cresceu e se tornou referência porque colocávamos as pessoas em primeiro lugar. Quando trocamos almas por planilhas, perdemos nossa essência.

Explicou que qualquer empreendimento deve ter controle e metas. A própria FarmaT sempre teve. Ocorre que os excessos acabaram desvirtuando o processo e afastamento a empresa de sua essência. Transferiu-se da qualidade para os resultados apenas o âmago do negócio. Ambos devem conviver harmoniosamente. Os resultados são fundamentais, mas a qualidade é essencial e gera confiança. Sem esta, o próprio negócio não se sustenta. É como acelerar o ciclo de uma galinha que só põe um ovo por dia para que consiga colocar dois ovos em um ciclo de quarenta horas. É bem provável que isso levará a própria "falência" da galinha.

Hoje, a empresa tenta se reconstruir. Mas confiança, tal como a saúde, não se recupera de um dia para o outro.

O lamento da urna

Mauro Vasni Paroski*

O casarão na Rua dos Coqueiros não era apenas um prédio velho; era o tipo de lugar que deixava um gosto amargo na boca. A fachada feita de arenito, que um dia fora o *gran finale* da rua, parecia agora pele morta de algo que se recusava a cair. Trepadeiras cobriam as janelas como veias verdes, e os vidros quebrados nas molduras vitorianas pareciam sorrir – mas não era um sorriso bondoso.

Por décadas, o lugar manteve um silêncio tão denso que dava para mastigar. Sugava o som da rua, engolia a algazarra dos carros e até o grasnido irritante dos pardais. Os vizinhos mais antigos evitavam olhar para lá. Contornavam o muro como se fosse uma ferida aberta, uma cicatriz exposta que a cidade fingia não ver. O tempo ali não parava – apodrecia, transformando o ar num melão frio e melancólico, do tipo que dava enxaqueca só de respirar.

Mesmo sob o sol do meio-dia, havia algo naquele muro que fazia o coração disparar. Uma sensação súbita, gélida, de que havia olhos ali dentro, acompanhando cada passo. À noite, piorava. As sombras se mexiam no canto do olho, rápidas como baratas fugindo da luz. Os sussurros vinham com o vento – vozes indistintas que arrepiavam os pelos da nuca como cerdas de escova de dentes.

Foi assim até a prefeitura ter uma ideia que parecia genial: transformar o casarão em colégio. Renovar. Quebrar o ciclo, como

* Juiz do Trabalho da 9ª Região (PR)

diziam os otimistas dos jornais. A reforma foi apressada, bancada por um cheque magro e prazos imaginários. A pintura era nova, o telhado também, mas a fundação... ah, a fundação era a mesma: fria, profunda e podre até o cerne.

O sótão, sempre lacrado, virou depósito de coisas que ninguém queria ver. E ninguém – ninguém mesmo – gostava de subir lá. A escada rangia sob qualquer peso e gemia como osso velho. O cheiro era complicado. Não era só mofo nem madeira molhada; era um aroma agri-doce e nauseante, como flores esquecidas na água por um mês, misturado a ferro enferrujado e suor seco. A primeira reação era náusea, seguida por uma pergunta sussurrada: que merda está escondida aqui dentro que fede tão desesperado?

À noite, os poucos trabalhadores obrigados a subir sentiam o ar tremer. Uma presença nervosa, furiosa, parecia tentar expulsar a carne e o sangue que o habitavam. Ouviam soluços fracos, passos leves que nunca chegavam, e um murmúrio próximo, mas sempre distorcido. A luz no fim do corredor pulsava, desafiando qualquer lógica elétrica. O vento gelado pelas frestas era mais que ar – era o suspiro de uma alma exausta, feita sombra há tempo demais.

Quando a escola abriu, cheia de pompa, a esperança parecia ter assinado um contrato de arrendamento. Risadas de crianças, barulho, vida. Mas a normalidade nunca se fixou. O prédio aceitava as crianças apenas por empréstimo. As risadas enchiam os pátios, sim, mas o casarão as devolvia filtradas, descascadas, como se sua estrutura fosse feita para sugar a alegria.

A coisa piorou no outono. Começou no banheiro feminino do segundo andar. Não era um fantasma fazendo "bu!" – era mais sutil, mais perverso. Um choro que você achava ter ouvido, sempre entre o dia e a escuridão. Uma luz que piscava só no canto do olho. As alunas não falavam em assombração; falavam de uma menina pálida, vestida de branco, com olhos estranhamente fundos, como se feitos de cera derretida.

A Sra. Helena, diretora pragmática que confiava mais em balancetes do que em Deus, tentou abafar. Histeria adolescente,

dizia. Bobagem da imaginação. Mas o silêncio que se seguiu não era de alívio — era de peso. O prédio guardava um segredo que se recusava a morrer.

Rosalva, a faxineira, foi a primeira adulta a quebrar. Rígida na rotina e acostumada ao silêncio dos corredores vazios, não esperava ser alvo. Numa noite chuvosa, preta como carvão molhado, ficou para fechar as torneiras que, por algum motivo, abriam sozinhas. Inclinou-se sobre a última pia e sentiu um frio cortar a espinha — puro, duro, que doía nos ossos. Não era o vento. Era o peso esmagador de uma presença que não a deixaria ir.

Virou-se para o espelho. O vidro estava limpo. A luz fraca refletia. E no canto, na borda da visão, a sombra: fina como um risco de carvão, mas tão intensa em terror que quase a paralisou. Rosalva não viu o rosto da menina. Apenas sentiu. O sussurro não veio de fora — veio de dentro da cabeça dela, gritado por uma dor amplificada: “Você não me deu o descanso.”

Ela não desmaiou. Mas algo dentro dela quebrou ali mesmo. Arrastou-se para fora, chorando histericamente, o rosto marcado por arranhões fundos, como se tentasse arrancar a voz e o frio de dentro. “Ela não falou, ela gelou,” repetia, tentando afastar a insanidade. Na manhã seguinte, abandonou o emprego. Não se importou com o último salário. Sabia, com a certeza fria que só o desespero traz: o casarão não queria ser habitado. Queria apenas ser lamentado.

A Sra. Helena tentou abafar o caso, afundando-se numa negação que mascarava seu medo. Mas a evasão já tinha começado: pais retiravam seus filhos sem explicação, e a escola que deveria borbulhar de vida tornou-se uma casa vazia, de ecos e olhares desconfiados.

Pressionada, a Sra. Helena chamou Mário Pederneira, historiador local, homem taciturno que conhecia os segredos da cidade como quem revisita velhos amigos. Esperava um relatório seco, racional. Mário mergulhou em arquivos empoeirados, mapas manchados e relatos antigos. Encontrou uma história sombria: um fazendeiro rico, cruel, sem filhos, comprara Luísa, uma menina pobre

de quatorze anos, para esposa. Oficialmente morreu de doença, mas relatos indicavam outra coisa – suspeita de crime abafado.

O mais macabro: sua mãe nunca enterrou o corpo. Em vez disso, deixou Luísa numa urna de nogueira escura, talhada com lírios murchos, simbolizando morte e perda, escondida no sótão lacrado do casarão. Por sete anos, aquela criança permaneceu ali, sua agonia fundindo-se à alma da casa, tornando-se uma maldição silenciosa.

“Não é um fantasma comum”, disse Mário. “É a memória de um segredo sujo que precisa ser revelado.”

Enquanto isso, dentro do casarão, a presença invisível ficava mais densa. As alunas que falavam da menina de olhos fundos começaram a ter sintomas estranhos: pesadelos, insônia, irritabilidade. Os corredores tornaram-se palco de ecos distorcidos e sussurros quase inaudíveis. À noite, a escada rangia como passos lentos e pesados. O sótão permanecia proibido, guardando seu segredo sombrio.

Rosalva tornou-se símbolo da decadência silenciosa causada pelo casarão. O frio e o sussurro não a deixaram. Sua saída foi uma fuga desesperada de algo intangível, capaz de dilacerar mente e alma. A rotina da escola virou batalha contra um medo inominado, enquanto a maldição da urna se manifestava em gestos, olhares e sons.

A Sra. Helena, pressionada, buscou respostas no passado – talhado pelo silêncio e exigindo justiça ou redenção. A revelação da urna não trouxe paz, mas um fardo maior, como se o casarão respirasse rancor acumulado, aguardando sua próxima vítima.

Após a descoberta, as manifestações tornaram-se viscerais. Não eram mais luzes piscando; eram buracos na realidade. As alunas evitavam o segundo andar como quem pisa em terreno minado. O silêncio era gélido, do tipo que congela o cérebro. Cada passo naquele corredor trocava uma moeda da própria paz de espírito.

A história de Rosalva era contada em sussurros histéricos pelos poucos trabalhadores restantes. O terror dela, o colapso, a

fuga sem salário – um aviso silencioso que ecoava pelos armários vazios. Aquele frio fantasmagórico e o sussurro que lhe rasgou a mente ficaram ancorados ali, na fundação.

A Sra. Helena sentia o medo como uma dor de estômago crônica. Seus balancetes continuavam perfeitos, mas os números de evasão gritavam em um mudo grito impossível de ignorar.

Mário Pederneira terminou a pesquisa parecendo um homem que visitou o inferno e não conseguiu pegar um táxi de volta. Sentou-se numa cadeira de plástico barata e disse a verdade, com voz baixa e rouca:

– Luísa, a garota da urna, não morreu de doença. Foi assassinada. Um crime cruel abafado pela riqueza. Seu corpo, aprisionado na urna, era um grito sufocado entre paredes.

– Não é um espectro comum – tossiu, passando a mão na testa – é a materialização de uma memória, a dor que encontrou forma física, corroendo a paz. Esse rancor pulsa, Sra. Helena. Agora que o segredo foi perturbado, ele despertará quem se permitir escutar demais.

O avanço da presença intensificava-se. Corredores ecoavam passos sem dono, sussurros atravessavam paredes como lâminas. Professores e alunos apresentavam sintomas perturbadores: insônia brutal, irritabilidade, olhares fixos no vazio, como quem vê sua própria sepultura. Era uma escalada que misturava medo, dúvida e a sensação inevitável de algo maior, mais antigo e faminto se revelando.

O casarão não era apenas assombrado; era um organismo vivo, ferido e rancoroso. Seus habitantes estavam cada vez mais presos em seu cárcere emocional. O sótão, o núcleo do mal, exalava podridão e ódio antigo. A urna, coração sombrio, recusava-se a ser esquecida.

A Sra. Helena fechou os olhos. Pela primeira vez em sua vida calculista, sabia que enfrentava algo que planilhas ou prazos não resolveriam. Ela estava perdida no escuro.

E o escuro ficava cada vez mais frio.

Ela seria a próxima.

Ensaio sobre baratas

Priscila Cunha Lima*

Tinha tido esse sonho de que estava em uma festa para matar baratas numa fazenda da elite decadente. O concurso, por assim dizer, consistia em dar a cada competidor um cômodo no qual este deveria exterminar as baratas pisando nelas. No meu, um quarto infestadíssimo, pisava com sapato alto em cada uma, ouvindo os pequenos estalos a cada esmagamento. Só me lembrava vagamente de como tinha chegado lá, pegando carona em um carro lotado de mulheres com sapatos altíssimos, que também faziam barulho no chão de taco da casa velha. A cada ponto gosmento no quarto, um placar geral ia computando fazendo um som sonoro, repetitivo e agudo: plic, plic, plic. A situação era daquelas em que a repulsa dá a volta inteira no diâmetro da circunferência do sentir humano e se encontra com o prazer.

O resultado foi que o despertador, que fazia plic, plic, plic a cada barata do sonho, só me acordou, com atraso, muito tempo depois, pois eu queria ganhar o concurso e pisava freneticamente em baratas.

Desorientada e sem saber onde estava, eu acordei em minha cama. Ainda estava exausta e ofegante, mas emocionada pelo prazer da conquista, certa de ser a vencedora do concurso. O despertador tinha tocado bem mais do que deveria, sendo tão desagradável quanto baratas, mas tinha falhado em me acordar

* Juíza do Trabalho da 5ª Região (BA)

a tempo. Estava atrasada e a primeira audiência começaria em alguns minutos, ainda bem que era telepresencial.

Corri pra o banheiro e tentei de forma estabanada, calcular o que podia ser feito em 3 minutos. Nem sei como, mas em 10 estava na frente do computador do gabinete acessando o sistema de audiências online, toda de preto e com a toga cujo laço mal arrumado pendia para o lado esquerdo.

Pedi desculpas pelo atraso, cumprimentei a todos e informei o início da primeira audiência.

Como também de costume, todos os presentes me cumprimentaram gentilmente e assim iniciamos as nossas audiências programadas para o dia. Eu pensava na minha demora pra acordar, e lutava internamente para conciliar os pensamentos, porque não conseguia achar a razão e o motivo do meu atraso, nem tampouco me perdoar por ele. Muito embora esse pensamento estivesse ali no fundo do meu cérebro, consegui me concentrar e passei a conduzir as audiências como de hábito e como já faço a quase duas décadas.

Entretanto, algo que não tinha jamais se passado anteriormente começou e me arrancou dos meus pensamentos. No início eu achei que era algo eventual, mas começou a ficar repetitivo. Todos que entravam e saíam da sala de audiências faziam aquilo, mesmo que não tivessem visto alguém fazendo antes.

O que acontecia era o seguinte: as partes, advogados, testemunhas, todos eles, ao se dirigirem a mim, repetiam insistentemente que me desejavam melhoras, que eu me recuperasse e que ficasse bem, que Deus e Nossa Senhora me abençoasse. Achei aquilo tudo muito estranho, eu não estava doente, me sentia bem, não compreendia porque estava sendo tratada com tanta condescendência e tanta compaixão. Aquilo era novo pra mim, inclusive, estavam nas audiências alguns advogados experientes e já conhecidos de longa data que nunca tinham feito aquilo e também outros que eu nunca tinha visto antes.

Eu franzia as sobrancelhas confusa a cada “desejo-lhe uma rápida recuperação” que eu ouvia.

Estava ali para realizar o meu trabalho, tão importante quanto o de qualquer outro trabalhador, mas muito caro para mim, a ponto de a luta interna pelo atraso continuar, com a insistência perguntadeira de uma teimosia. Seria isso? O meu atraso de 15 minutos causava aquilo?

Minha confusão foi aumentando ao ponto da perplexidade. Cheguei a pensar que subitamente todos, exceto eu, tinham virado trens ingleses em pontualidade, da noite para o dia. Tinha feito já centenas de audiências online desde o início da pandemia, e agora, até a mais alta corte do país também as fazia habitualmente. Diante da improbabilidade da hipótese, concluí que o problema deveria estar comigo. Teria eu, como Gregor Samsa de Kafka, virado uma barata durante a noite?

Em uma pausa entre audiências, sozinha que estava na sala virtual, fiquei absorta, pensando. Como achava que tinha algo de errado comigo, passei ao escrutínio visual, essa faceta inescapável da experiência feminina. Minha sorte é que o exame investigativo, dessa vez, poderia ser limitado ao que aparecia na câmera, ou seja, ombros e cabeça, o que tornava tudo mais rápido.

Inventariando com cuidado, vi que eu realmente tinha alguns fios de cabelo em desalinho, porque sem pentear, alguns poucos brancos aqui e acolá, porque sem pintar, estava sem base, sem sombra, sem corretivo, sem hidratante, sem pó, sem blush, sem rímel, sem batom, sem brincos, sem corrente no pescoço.

Era um inventário de ausências. Eu estava *sem*. Fui lida a partir da minha condição de mulher, uma mulher sem. A ausência foi notada, lida e entendida como uma falta, no substantivo e verbo. Se estava eu com aquela aparência, fui interpretada como alguém que tinha algo de errado, que precisava sarar. Faltei, cometi uma falta. A reação de todos foi a de me perdoar com condescendência. Quase ninguém se furtou de pontuar que eu precisava me curar, me dando ciência de que sua percepção havia ocorrido.

Me apercebi, e foi triste observar, que todos achavam que eu precisava de um tratamento especial e compassivo unicamente porque a minha aparência do rosto estava comum. Era isso, um rosto comum, de uma mulher, sem a aparência esperada e socialmente desejada.

O que aconteceu comigo, naquele dia, foi uma amostra da severidade das regras de aparência feminina no ambiente de trabalho e a consequência pela desobediência. Disponível para as mulheres existe somente uma possibilidade, a de apresentar-se visualmente numa determinada aparência, sem exceções. A rígida regra vale para todas, não estão livres dela nem mesmo aquelas que realizam atividades que independem completamente do próprio aspecto exterior.

Apesar de um pouco surpresa com a unanimidade de comportamento, enquanto mulher, devo confessar, não era a primeira vez que isso acontecia. Toda mulher viva caminha pelo mundo em um território que a avalia constantemente por sua aparência, especialmente em seu trabalho.

Toda mulher também sabe, desde muito cedo, que existirá na sua vida sempre trabalho, seja ele um trabalho reprodutivo e doméstico, quanto outro, um trabalho remunerado e para fora do domicílio. Das mulheres exige-se demasiado. A vida feminina é uma vida de trabalho, de duplo trabalho. Não sou exceção enquanto magistrada.

Nem se diga que o trabalho reprodutivo e doméstico seria de menor importância. Quem tem razão nessa história de trabalho reprodutivo mesmo é a Silvia Frederici para quem o trabalho reprodutivo das mulheres *é o fundamento de todo sistema político e econômico, e que a imensa quantidade de trabalho doméstico remunerado e não remunerado, realizado por mulheres dentro de casa, é o que mantém o mundo em movimento*. De fato, o trabalho feminino move o planeta, recebam as mulheres por isso, ou não, um

¹ (FREDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2019)

salário. No meu caso, nada ganho por meu trabalho reprodutivo, tão socialmente desvalorizado.

Junto dele, meu trabalho remunerado ocupa uma posição socialmente relevante. Eu exerço uma parcela considerável do poder democrático atribuído ao Judiciário. Exerço a magistratura com a ciência e consciência de que a minha legitimidade no exercício da jurisdição advém da necessidade de motivação das decisões, explicitando razões fundamentos e critérios para cada decisão tomada. É um componente do próprio Estado Democrático de Direito e decorre do princípio do devido processo legal e do contraditório decidir cotidianamente e dizer o porquê disso. Esse é o meu trabalho que realizo para fora do ambiente doméstico e por ele sou remunerada.

No sei se notou, mas procurei objetivar a descrição dos meus dois trabalhos o quanto pude. Propositadamente deixei de usar palavras como sensibilidade e amor pois não quero associar a eles uma carga afetiva. Não saberia calibrar as palavras sem parecer dar mais importância a esse ou àquele, mais um dos dilemas femininos.

São dois trabalhos poderosíssimos, um move o mundo e o outro busca torná-lo justo. Não diria que são forças em oposição, mas de alguma forma o exercício delas exige muito de cada mulher, ao ponto de o sentimento interno ser o de que são forças de atração para polos opostos. Pende-se para um lado ou outro na sucessão dos acontecimentos da vida.

Entretanto, teimosamente, toda mulher pensa existir um ponto ideal, um ponto de equilíbrio e junção entre essas duas forças de atração opostas. Passa-se a vida tentando chegar até ele e se manter nele suspensa, pairando na junção do tempo e do espaço onde tudo se funde em unidade. Puramente inalcançável, melhor seria que nunca tivessem jamais teorizado sobre sua existência, pois agora achamos que podemos chegar lá nesse buraco negro. Malditos físicos.

De um observador externo, o centro desse um buraco negro equivale a atingir uma singularidade central, onde espaço e tempo se encontrariam em uma densidade infinita. De toda mulher se exige precisamente isso. A cada pequeno desvio de trajetória faz-se questão de corrigir a rota para dentro desse centro ideal inalcançável, toda a sua vida é sugada por uma força de atração poderosa e inalcançável.

Pobres de nós mulheres, em rota, dia a dia, a esse ponto de singularidade inatingível. Transitamos toda a nossa existência sendo incessantemente empurradas para ele, mas tragédia infinita, jamais nele chegaremos, afinal de contas e, bem possivelmente, ele não existe. Se bem que, talvez chegássemos se fôssemos baratas, baratas espaciais.

E descansou no sétimo dia

Vanilson Rodrigues Fernandes*

Teotônio ficou perplexo quando Clemêncio lhe disse que daquele dia em diante teria que tirar um dia de folga. Eram ordens superiores. Empregado dócil e afeito às ordens, Teotônio resignou-se, não sem um ar de enorme preocupação. Dia de folga? Como assim? Como seria aquilo? Trabalhava há anos de sol a sol, de domingo a domingo, desde a tenra idade que sequer sabia o que era uma pausa, nem se recordava quando foi a última vez que teve um tempo livre, muito ao contrário: sua vida era trabalho, trabalho e mais trabalho.

Desde menino já vendia picolé nas ruas e teve que abandonar a escola para ajudar os pais na criação dos demais irmãos. Sempre foi assim e assim sempre seria, não sabia o que era feriado, domingo, folga ou coisa semelhante. Não foi sem razão que a mulher o abandonou levando consigo os filhos, porque o marido não parava em casa. Estava tão acostumado ao trabalho na firma que quando chegava para dormir, Teotônio já ansiava pela madrugada para retornar ao seu posto de serviço. Acostumou-se àquela rotina. Vivia para trabalhar e o trabalho era o resumo de sua vida.

* Juiz do Trabalho da 8ª Região (PA)

E agora o que era isso de tirar um dia de folga? Pensava consigo. O que fazer com um dia inteiro sem ter trabalho? Não tinha a mínima noção de como agir, de como era ter tempo livre para si. Passou o dia pensativo, absorto em suas tarefas mecânicas e repetitivas, mas sem noção de como sair daquela encruzilhada: o que fazer em dia de folga quando não se tem nada para fazer?

Ainda que resignado, após o almoço, resolveu indagar ao encarregado daquele inusitado fato. Clemêncio, quer dizer que não é pra vir trabalhar amanhã? Isso mesmo, Teotônio. E se eu quiser vir, tem problema? Aí vai ser ruim pro patrão, parece que houve uma fiscalização e de agora em diante você terá que ter uma folga por semana, sabe? Não, não sei, não. Isso é coisa do governo, coisa da lei e a empresa vai ter que cumprir. Coisa da lei, do governo...O que é que a lei entende da vida da gente, o que o governo entende de trabalhar, esse pessoal é só pra atrapalhar a vida da gente. Não sei, Teotônio, mas a ordem é essa: amanhã você está de folga. Ainda que inconformado, calou-se e voltou ao trabalho.

Teotônio, bovinamente, cumpriu suas tarefas até o fim do expediente, tomado por um sentimento de absoluta apreensão e por um vazio que já tomava conta de seu ser. Pudera, tinha ido trabalhar na empresa pelas mãos do pai, após vender todo tipo de coisa nas ruas, aos doze anos de idade e lá foi se afeiçoando à lida diária. Aquela correria do dia a dia o fascinava, a conversa fiada com os colegas lhe trazia divertimento e assim sua vida ia seguindo.

Já adulto, além de prestar serviços de dia, se dispôs a trabalhar como vigia noturno, quando o trabalhador da noite foi demitido, acusado de conluio com bandidos em furto ocorrido na empresa. Foi nesse período que a mulher o abandonou, mas ele sequer sentiu saudades, tinha seu emprego, tinha seus colegas de trabalho e era o Teotônio, o empregado mais antigo da firma, símbolo de respeito e consideração que a empresa tinha para com seus trabalhadores. Se não fosse um lugar bom para se trabalhar, como uma pessoa permaneceria por mais de 30 anos prestando serviço naquela firma?

O certo é que Teotônio era realmente um patrimônio da empresa, não havia nada que lhe fosse pedido que ele não fizesse,

absolutamente nada. Após perder a família, a firma resolveu contratar um vigia para evitar que trabalhasse nos dois turnos, permanecendo quase 24 horas em atividade. Mas isso despertou em Teotônio um sentimento de traição, única reclamação que tinha até hoje contra a empresa. Como contratar um novo empregado? Não estão gostando do meu trabalho?

Clemêncio, conhecendo o espírito do velho operário, conseguiu convencê-lo a aquietar-se e que aquela mudança seria boa, porque agora ele poderia ir dormir em casa durante a semana, mas, para compensar, Teotônio ficaria a atividade de vigia nos fins de semana, nas folgas do novo trabalhador.

Depois de muita conversa, aceitou a mudança. Acostumara-se à nova rotina às duras penas, e agora vinha outra mudança: tirar um dia de folga na semana, como assim? Vivia a pensar. Quem precisa de folga é quem não tem amor ao trabalho, quem não se dedica às suas atividades; ele era um trabalhador comprometido e honesto, não precisava daquilo, de folga nenhuma. Mas enfim, ordens são ordens. Sabia que tinha que aceitar porque sempre foi assim e assim sempre será: manda quem tem razão, obedece quem tem juízo, já dizia seu finado pai que lhe encaminhou no rumo do trabalho honesto.

Teotônio trabalhava de segunda a sábado nas atividades normais e aos domingos tirava a folga do novo vigia, este não abria mão de estar aos domingos com a família. Não raro, Teotônio ficava desde o fim da tarde de sábado na empresa, dormindo pelos cantos para pegar o serviço no domingo logo cedo. Para ele, todos os dias eram iguais, não havia diferença entre uma segunda-feira e um sábado, ou um domingo ou mesmo um feriado. Todo dia era dia de trabalho.

O fim do expediente chegou, e deu o horário de ir pra casa e não voltar no dia seguinte. Teotônio iria tirar o seu bendito dia de folga. Mesmo amuado, Teotônio se despediu de todos e foi para casa. Quando chegou, abriu a porta, olhou a sala escura e, antes de ligar a luz, um frio gelou seu corpo e uma tristeza desabou sobre si, como o peso de cem anos de solidão.

Quase foi às lágrimas; meu Deus, meu Deus, o que faria com tanto tempo livre? Não tinha amigos, não tinha parentes, não tinha nenhum tipo de lazer, nenhuma tarefa para fazer. Um vazio enorme se apossava de sua alma. Nem sequer um televisor possuía para matar o tempo, nada, absolutamente nada, estava refém de um tempo morto, de um tempo de não ter nada pra fazer, como nunca lhe havia ocorrido nos últimos trinta anos.

Deitou-se, mas na cama, as coisas só pioraram, Teotônio não conseguia pregar os olhos para dormir. Uma angústia incessante tomava conta de seu corpo e de seus pensamentos. Quando conseguia um cochilo numa fração de segundos, despertava em seguida assustado, com taquicardia e sudorese. Era como estar morrendo em vida. Passou a noite toda naquele transe e quando os primeiros raios da manhã começaram a clarear o quarto, Teotônio teve uma breve sensação de alívio, mas que logo se dissipou, quando se lembrou que teria ainda o dia inteiro livre, de folga e que não poderia colocar seu uniforme e ir ao trabalho.

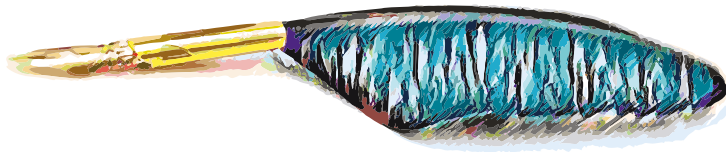
A sensação de angústia só foi crescendo dentro de si à medida que o dia avançava e a pensar naquilo a todo instante seu corpo começou a ficar paralisado. Imaginou um futuro sombrio naqueles dias de folga. Todos os dias de folga serão assim daqui pra frente, meu Deus, meu Deus, por que me abandonaram...

Depois de muita reflexão, veio-lhe à mente uma decisão e, resoluto, caminhou até a sacada do pequeno apartamento daquele bairro suburbano, olhou para baixo, pensou rapidamente em toda sua vida, como em um curta metragem e se precipitou ao chão da rua.

Jogou-se da sacada do quinto andar e seu corpo se estatelou no asfalto já quente naquele dia ensolarado. Da nuca, escorria sangue vermelho pálido, quase claro. Alguém colocou um jornal sobre o cadáver ensanguentado. Como a posição do corpo atrapalhasse o tráfego, um motorista mais apressado, sem protesto de ninguém, puxou pelas pernas o corpo sem vida de Teotônio para próximo do meio-fio, de modo que permitir que os veículos pudessem passar e o trânsito fluir.

Na firma, a notícia causou muita surpresa e houve uma tristeza coletiva que perdurou por um dia inteiro, mas logo tudo voltou ao normal, com as atividades empresariais a pleno vapor. Um diretor comentou que a morte de Teotônio foi uma tragédia, e o pior é que aconteceu logo no seu primeiro dia de descanso, e ninguém sabia o motivo daquela atitude.

Um colega de trabalho comentou que até Deus descansou no sétimo dia, ao passo que Teotônio nunca descansou, mas agora teria a vida eterna toda pra repousar. Esses comentários despertaram muita reflexão em todos. No velório, compareceu somente Clemêncio, a mando da diretoria, que levou uma coroa de flores com o epíteto "Teotônio, operário padrão, saudades eternas".



Crônicas



Tudo o que não cabe no laudo

Mauro Vasni Paroski*

Tem gente que foge de si como quem evita hospital. Não quer saber o que tem, não quer abrir nada, não quer olhar. Mas viver, às vezes, é isso: encarar a própria mesa de cirurgia. Sem anestesia.

A gente passa a vida tentando se entender, mas quase sempre com pressa. Corre atrás de metas, de curtidas, de aceitação. E no meio disso tudo, esquece de olhar para dentro. Porque olhar para dentro dói. E dá trabalho.

Se alguém resolvesse fazer uma autópsia da condição humana, não encontraria órgãos. Encontraria ideias. A alma, por exemplo, não tem forma. É feita de vontades que se batem, de desejos que não se entendem. Ela não pulsa — ela oscila.

A memória também não é confiável. Ela guarda o que quer, distorce o que pode, apaga o que dói. É como um arquivo cheio de rabiscos e rasuras. Às vezes, lembrar machuca mais do que esquecer.

E a tal da identidade? É um quebra-cabeça com peças de outras pessoas. A gente tenta montar um "eu" com o que sobrou

* Juiz do Trabalho da 9ª Região (PR)

Texto vencedor, na categoria Crônica, do 4º Concurso Literário da Anamatra

dos outros. No fim, somos um monte de versões tentando parecer inteiros.

A verdade, então, é um caso à parte. Quando a gente resolve encarar de perto, ela se desfaz. Não é sólida, nem pura. É feita de crenças, de histórias mal contadas, de certezas que já venceram o prazo.

A esperança... ah, essa é teimosa. Mesmo quando tudo desaba, ela insiste. É como uma luzinha fraca no fim do túnel – às vezes é só reflexo, mas a gente segue em direção a ela mesmo assim.

E o livre-arbítrio? Talvez seja só um nome bonito para uma coisa que a gente não controla. Porque tem hora que parece que nossas escolhas já vieram escolhidas. Como se a gente fosse só parte de um emaranhado maior, puxado por fios invisíveis.

A justiça, por sua vez, anda de óculos embaçados. Vê o que quer, ignora o que não convém. E a liberdade, que a gente tanto defende, pode estar atrofiada há muito tempo – e ninguém percebeu.

Mas o que mais assusta é o corpo que ninguém vê. O corpo do outro. Aquele que não aparece na foto, que não tem perfil, que não tem voz. O que limpa o chão do hospital, mas não tem plano de saúde.

Esse corpo não tem nome. Tem etiqueta. Não tem *feed*, nem curtida, nem engajamento. Mas carrega o mundo nas costas. É feito de notificações não lidas, de arquivos corrompidos, de *Wi-Fi* instável. Ama sem *emoji*. Chora sem legenda. E segue – mesmo sem ser visto.

Ele não aparece nas estatísticas. Não entra nos algoritmos. Não é lembrado nos discursos. Mas está lá, sustentando o que ninguém quer ver. É o que segura a porta para você passar, o que recolhe o lixo que você nem nota, o que espera no ponto de ônibus enquanto você reclama do trânsito no carro.

Talvez o maior erro da nossa época seja achar que tudo pode ser medido. Que tudo tem solução. Que tudo cabe num gráfico. Mas tem dor que não tem protocolo. Tem angústia que não se resolve com planilha. Tem gente que não quer cura – quer escuta. Quer

que alguém diga: "Eu te vejo." Mesmo que seja tarde. Mesmo que seja só uma vez.

No fim das contas, o bisturi não serve só para cortar. Serve para revelar. É o espelho, para mostrar o que a gente tenta esconder. Porque, no fundo, todos somos pacientes. Todos temos uma alma em curto-circuito, uma memória inflamada, uma identidade em crise. Todos somos partículas em sobreposição.

E todos, em algum momento, seremos o outro.

É melhor pênaltis: sentimentos contraditórios

Mário Lúcio Batigniani*

Meu filho tem 10 anos e torce pelo Flamengo, time pelo qual não torço e nem simpatia tenho. Como isso aconteceu? Explico. Eu não impedi ou orientei. A mãe influenciou e o técnico Jorge Jesus ajudou na época. Pra que time eu torço? Sou "remista", Clube do Remo, herança da época em que morei em Belém do Pará. Foi quase que amor à primeira vista, ou melhor, ao primeiro jogo. Eu já gostava do azul marinho da camisa e quando fui ao Mangueirão pela primeira vez, logo num RExPA, não teve jeito. A torcida paraense é um espetáculo à parte. Faz inveja em muito clube da série A.

Mas deixando de lado o maior da Amazônia (o futebol é recheado de maiores e melhores), voltemos aos sentimentos contraditórios. Como diversos outros eventos esportivos, decidi assistir com o meu filho, pela TV, a Estudantes x Flamengo, pela Copa Libertadores. Era o segundo jogo. Lá na Argentina. O Estudantes precisava vencer por pelo menos 1 gol de diferença para levar a disputa para os pênaltis. Com 2 ou mais se classificava direto. Logo no início do jogo, veio a primeira pergunta de meu filho:

* Juiz do Trabalho da 16ª Região (MA)

- Pai, quem o senhor acha que vai ganhar?

Esta foi fácil. Achar é uma coisa, torcer é outra. Respondi, mesmo não querendo:

- Flamengo, tem melhor time e está em vantagem.

Depois de um tempo, a coisa complicou:

- Pai, pra quem você está torcendo? Eu sempre torço pro Remo, quando ele joga.

Golpe baixo isso aí. Não é uma pergunta, mas sim uma chantagem (risos).

Vendo a aflição do garoto e não querendo magoá-lo, respondi, muito a contragosto, que era pelo Flamengo. Ele ficou feliz e eu continuei assistindo ao jogo em paz.

Ocorre que, não me contive, e acabei comemorando "discretamente" quando o Estudiantes fez 1x0. Questionado sobre a torcida, neguei de "pés juntos". Claro! Ele não acreditou, mas tudo bem. Eu não comemorei mais também. Melhor, eu não externei.

Ocorre que meu filho acusou o golpe do gol e, vendo o sofrimento dele, comecei a ficar dividido. Uma parte agora torcia pelo segundo gol, que eliminaria logo o Flamengo, mas a outra não queria que meu filho sofresse.

Mais tarde o Estudiantes ainda fez o segundo, mas o jogador estava impedido e o gol foi anulado. E foi nesta hora que fiquei dividido de verdade. Enquanto o VAR checava o lance, pude ver meu filho se afundando numa tristeza grande demais. A conta não fechava e sem possibilidade de conciliação, comecei a torcer para o jogo ir pros pênaltis mesmo, que para muitos é uma loteria, embora não seja. Seja o que Deus quiser, pensei. E o que Deus tem a ver com futebol? Com futebol nada, mas com os meus sentimentos tem sim. Melhor, tira Deus disso e deixa só a sorte mesmo.

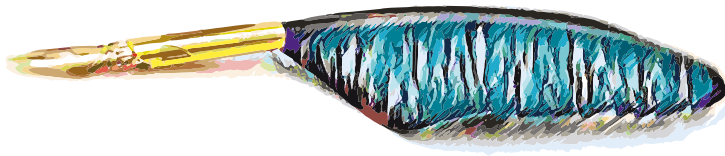
O jogo foi para os pênaltis e eu acabei, por alguma razão, sentindo-me aliviado. Flamengo classificado, coisa de sorte (loteria) ou do destino, nada a ver com a minha torcida (ufa!). Foi

uma solução razoável para os meus contraditórios sentimentos. Há alguns meses, ele foi eliminado no mundial de clubes da FIFA pelo Bayern. Em um dia se ganha e em outro se perde. É a vida.

Eu deveria mesmo era ter intervido para evitar que ele torcesse pelo Flamengo. Mas agora já era.

Não foi o primeiro e nem o último jogo do Flamengo a que assistimos juntos. Tomara que eu encontre uma solução melhor futuramente, pois esta contradição não está sendo nada fácil (risos).

O quê?! Jamais! Virar flamenguista não é opção. Prefiro continuar com o dilema. Cada jogo uma aflição, uma nova contradição (risos).



Poesias



Rio de Mãos e Memórias

Katarina Roberta Mousinho de Matos*

Nasci onde o Amazonas abraça a chuva
todos os dias, pontualmente às três da tarde —
meu coração pronuncia assim:
nasci da água doce e do açaí roxo,
da farinha d'água que minha avó socava,
da castanha que a outra catava
com mãos que nunca conheceram letras
mas sabiam ler o tempo e a mata.
Quarenta anos bebendo dessa fonte,
comendo tacacá nas esquinas de Belém,
dançando carimbó com pés descalços,
aprendendo que açaí com tapioca
é refeição completa
e que a chuva torrencial da tarde
é o banho mais honesto que existe.
Cresci filha do contraste:

* Juíza do Trabalho da 10ª Região (DF/TO)
Texto vencedor, na categoria Poesia, do 4º Concurso Literário da Anamatra

nascida em terra de exclusão social,
mas com sonhos que não cabiam nas estatísticas.
Minhas avós assinavam com o polegar,
eu decoro códigos e doutrinas jurídicas –
a magistratura trabalhista foi meu primeiro voo,
decolando de onde diziam:
“filha de ribeirinha não chega tão longe”.
Mas cheguei.
E quando a toga de magistrada
cobriu meus ombros,
não era tecido o que eu vestia:
eram as mãos calejadas
de todas as mulheres da minha linhagem,
costurando futuro
onde só havia presente.
O rio tem essa sabedoria antiga:
ele não se apega ao próprio curso.
Foi assim que, aos quarenta anos,
com quatro décadas de Amazônia na pele,
deixei minhas raízes respirando fundo
e voei para Brasília –
cidade-desenho, cidade-sonho,
onde a ordem não é acaso
e meus filhos crescem
em paz, com horizontes abertos.
Brasília me abraçou
como o cerrado abraça a chuva:
com sede e gratidão.
Aqui construí novos caminhos,

aqui descobri que o impossível
pode vestir roupas cotidianas.
E havia mais rio para navegar —
o mestrado chegou como passaporte e profecia:
levei meus filhos como quem leva sementes,
atravessei o Atlântico
com o coração cheio de açaí e coragem.
Nas bibliotecas americanas,
entre livros que meus pais nunca puderam comprar,
eu traduzia cada aula para a menina descalça
que ainda morava em mim:
“Olha só onde chegamos”.
Voltei com diploma
mas, mais importante,
voltei com a certeza:
a distância entre o tacacá da infância
e o mestrado internacional
não é abismo — é ponte.
Ponte que construímos
com cada “sim” dito ao medo,
com cada manhã que escolhemos
levantar e continuar.
Hoje, quando olho para trás,
vejo um rio que não é mais só meu:
é de toda menina paraense
que acorda antes do sol,
de toda mulher amazônica
que ousa sonhar além da margem.
Por isso te digo, mana,

tu que me lês com olhos de rio:
honra as analfabetas que te precedem,
elas souberam plantar
para que tu pudesses colher.
Honra também teu próprio voo —
não há traição em partir,
há apenas o movimento natural
das águas que precisam chegar ao mar.
Que tua vitória seja coletiva,
que teu diploma fale por mil gargantas,
que tua conquista abra portas —
não as feche atrás de ti.
Somos filhas da chuva e da resistência,
netas do silêncio e bisnetas da luta.
Carregamos nos ossos
a memória do rio e a promessa do oceano.
Em Belém ou Brasília,
em Los Angeles ou na beira do Amazonas,
somos a prova viva, mana,
de que o sonho
— ah, o sonho! —
ele sabe nadar,
sabe voar,
sabe atravessar
todos os mapas
que tentaram nos limitar.
E quando a chuva das três da tarde
molhar teu rosto onde quer que estejas,
lembra:

és água.
E água sempre encontra
seu caminho
para o mar
e para casa ao mesmo tempo.

Respeito à diversidade

Alonso Cavalcante de Albuquerque Filho*

No respeito à toda diversidade
É em que devemos nos balizar
Pois dela vem toda a unidade
Transcendente em tudo que há

A unidade que é construída
Na aceitação de cada pessoa
Com seu jeito de ser, na vida,
Do seu íntimo eco que ressoa

Não importa qual é o gênero
Qual é a raça ou mesmo a idade
O que importa é o acolhimento
Para a unidade na diversidade

*Juiz do Trabalho da 19ª Região (AL)

É tão bom poder se expressar
Do jeito que se quer ou se é
Se sentir aceito e valorizado
Além da cor, deficiência ou fé

Mas é o conhecido preconceito,
Revelando ignorância acentuada,
Que tem surtido tão mal efeito
Nas relações em que se propaga

Por isso, vamos nos unir
Em prol de toda diversidade
Para realmente construir
A coletiva e real felicidade

Não importa que se pensou
Não importa o que se fez
Mais importa é que o amor
Conduza-nos a vida de vez

Sempre-vivas

Ataíde Assis Ataíde*

Meu trono é alto
Imperioso que seja
Para comportar meu ego
Meus passos são curtos, lentos
De chegada incerta, trôpegos
Já não busco respostas, desimporta
Lautas laudas me socorrem, corroem
Não voo mais, finco os pés no vento
Apascento meu povo gentil, tento
Conspiro a favor, a la Goethe
Enfrento os reveses, os frios
Colho sempre-vivas.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

Escrita ancestral

Claudirene Andrade Ribeiro*

Escrevo com terra debaixo das unhas
o pulso forte da mulher
 que carrega a herança de um povo desterrado
em terra estrangeira
depois de arar o solo degradado
 ... continuo a escrita iniciada por meus ancestrais
na superfície marrom
deito sementes douradas
 ... rogo chuva aos encantados
às noites
visto uma canção no punho
 ... busco domar os leões
 que urram por perto

*Juíza do Trabalho da 23ª Região (MT)

O belo

Erasmio Messias de Moura Fé*

As coisas simples são belas,
Pois o belo é simples e verdadeiro!
As coisas simples são glamourosas
O glamouroso é simples e belo.

O belo é simples e requintado
inspira o amor e a beleza!
As coisas simples são amor.
Amor verdadeiro, simples e belo!

Seja simples, amoroso e belo!
Pois o amor é simples e puro!
Faça o que é simples e verdadeiro!
A pureza do amor e do belo.

*Juiz do Trabalho aposentado da 10ª Região (DF/TO)

Puro é o simples e o belo!
Aflora o amor e a emoção!
Pureza de coração!
Do amor verdadeiro e belo!
Do coração vem o amor e a beleza!
Inspiração do simples e do belo!
Emana do peito amoroso
Da esperança, do amor e do belo!

Simplicidade requintada e pura!
Unção transcendente de amor!
Ternura de coração
Dissemina simplesmente o belo!

Viva a vida no amor
Conectada ao simples e puro!
Pureza de coração
Que enseja o divino e o belo!

Se a vida corrige e pune
É porque busca a perfeição!
Graça de amor e esperança
Daquilo que transcende o belo!

E assim vivamos no amor
Em tudo que nos move e reluz!
Pois a beleza da vida encanta
e nos remete ao puro e belo!

Tratado de Tordesilhas

José Eduardo de Resende Chaves Júnior*

I

Com pé na terra
à vista
Onde alcança o fim
vezo de mim.

*Desembargador do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

II

Imaginar-te. Solidão
O vento em disse
 me disse: Páli
Disparate
Abraçar-te a tez
 em quatro
Emoldurar-te
Aventuraste
 Por um fio a haste
Aguardar-te em Marte
 Assunção e arte.
Daqui te meço a distância — travessão.

Pulsar

Linda Brandão Dias*

Meu corpo
atravessa o tempo
guardando vestígios
do ser ontem.
Marcas do que pulsa
resvalam
na arena
da saudade.
Cada lembrança
uma tatuagem
perene e silenciosa
que ninguém vê.
Tal qual raiz
sob a terra
a fecundar uma
eternidade de
silêncios.

*Juíza do Trabalho aposentada da 1ª Região (RJ)

Cada palavra, um reflexo.
Cada mudez
uma linha de lembranças
atravessando
discretas
as ruas da vida.
O olhar
transborda silêncios
germinando
esperas.
E o tempo aprendido
nas estações
da alma
revela-se, inquieto,
nas rugas da
pele,
onde germinam
travessias
não sabidas.
Porque tudo o que
transborda
é espelho!

Rebrota

Luiz Antônio Bernardo*

Nada de
surpreendente
mais espantará
do que o amor
erodido,
a confiança que
brada
sonho des
feito.

Perigo algum
ameaçará mais
que a sur
presa do fim
ante
cipado,
o final de um en
canto des
pedaça
do.

*Juiz do Trabalho aposentado da 9ª Região (PR)

...e vida alguma
restará
depois do ar res
pirado,
do músculo dis
tendido
da oport
unidade des
encantada.

O des
enlace igualará a
todos os
estupe
factos.

E velará o sono
dos des
informados.

Mas, a despeito
do des
encanto,
alguma vida re
brotará num
eventual amor re
nascido, no
suspiro
de um re
começo re
desenhado.

Deus Pai

Manoel Hermes de Lima*

Deus Pai, todo poderoso, a nós
Proteja-nos dos agouros, livra-nos,
Vindo em nossa direção, enviados
Pelas mentes insanas, dos ímpios
Maldosos, insensíveis inimigos
Da vida, da moral, puros infiéis,
Amantes insensatos, seres cruéis,
Sem alma, vazios de coração, sem fé,
Opacos na vergonha, a que se une
Pelo desamor que sempre lhe faltou.
Falsos amigos dos que se lhes doam
Amor puro, sincero, brotado da alma,
Pessoas inocentes, pela traição chegada
Do traidor, que em risos alegres se compraz
Da tristeza do enganado, na dor mergulhado,
Retrai-se e em prantos, sente, chora na alma,
Assim, segue por dentro ferido, magoado

* Juiz do Trabalho aposentado da 19ª Região (AL)

Ao confiar, acreditar no incrédulo oportunista,
De interior maldoso, traiçoeiro, seco, vazio.

II

Deus Pai, todo poderoso, a nós, fiéis humanos
Salva-nos dessa dor, da insensatez, ferida aberta
Que em nós sangra, invisível marca causada
Pela faca afiada do malfeitor que a nós apunhala,
Tira a vida de inocentes pessoas, amantes da paz,
Sem dó, ceifa do indivíduo, em dado momento,
A dádiva de Deus Pai a seus filhos – a vida
Perdida em instante surpreendente, atoa, ato nascido
De aproveitador premeditado, hábil, rápido acontecido
Lance veloz, inevitável para a vítima, que distraída,
Apanhada de surpresa, sem defesa, se torna sucumbente,
Agredida por perverso ser animalesco que, de repente,
Do patrimônio conduzido usurpa da vítima efetiva,
Arranca-lhe também o seu presente maior – a vida
Ceifada por faca afiada, ou disparo de bala pelo bandido,
Instante em que da vítima escapa a coisa bela recebida
Do Deus Pai e permitida por ELE, viver feliz, tranquilo,
Mas, entre nós, a força do mal, invejosa, que invade
De coração perverso, aberto para a maldade enraizar,
Plantada em lamas fétidas, em ódio transformada.

III

Deus Pai, Todo Poderoso, a nós, salva-nos dos seres malévolos,
Que têm a alma saída das sombrias profundezas das trevas,
Da escuridão total, onde nada se vê, nem outro valor do belo
Porque eles vêm de onde inexistente centelha nem brilho qualquer

Afastados de o pleno querer bem, inspirados no desamor,
adeptos.
Têm sua alma originária de lúgubres lugares, de intensas terras,
Inexistência de raios iluminados, luz do saber, da cultura, e
nelas
Distantes dos claros do sol, do valor da vida, não os fazem
enxergar,
Nem se propõem ver e saberem o que representa essa alta
clareza,
Pela violência se fazem fortes, mas cegos, surdos, pelo mal
atados.
Bens alheios tomam, às pressas, dos que se lhes aparentam
fáceis.
A dimensão da razão do ser e o porquê da existência do ser
humano
Na terra, ignoram: o propósito de ser útil e servir ao seu
semelhante,
Ver-se sempre no outro infinitamente, como um mesmo ser
igual,
Porque nunca se olham em tempo algum no amplo quadro da
vida.
Ignoram que a vida não é solta, mas interligada a outra desde
o início,
Seguindo a Bíblia Sagrada, a espécie humana vincula-se a um
só tronco,
Todos, sem distinção de cor, raça e nação, serão sempre
eternos irmãos
Que vivem, têm sentimentos, sofrem e choram de saudades,
emocionam-se
No sucesso ou no desacerto, convivem no dia-a-dia, lutam, e
combates dão,

Às intempéries advindas, acreditam no sucesso e de ser
melhor, o amanhã.

IV

Surpreender-se com um outro ser igual fisicamente, mas de
índole aberrante,

E de bom ser, gera espanto, não concebe ser verdade ou
sonho, espanta-se,

Interroga-se: se o praticante do ato mal é um inteiro ser
humano, ou ficção,

Ou um alienígena chegado à terra, de hábitos estranhos, de
planeta distante,

Acontecimentos que geram incômodos, aos olhos de quem
os vê e espantado

Se faz aterrorizado, temeroso, assustado, repleto de
inquietação, apavorado,

No coração, o frio bate, na mente a procura de abrigo,
proteção contra o susto.

O medo invade, logo entristece a alma e rápido a sensação
negativa surge

Na mente, o silêncio, estarrece, brota o lamento, um gelo, e
um forte sussurro,

Grito de socorro emitido, impossibilitado pelo ataque rápido
do malfeitor.

Nada em defesa própria, o bandido leva da vítima acuada os
pertences todos,

Padecente, despe-se das coisas: telefone celular, cartão de
crédito e ouro.

Rua deserta, policiamento nenhum. Só, a vítima sem
socorro, faz-se mouco

Desprovida de pertences, cabisbaixa, sem certeza de nada,
segue esmorecida

Mira-se repetidas vezes, parece-lhe estar nua, sem as vestes,
está despida.

Aos olhos, lágrimas, passos largos, vai na estrada ausente
de pessoas, vazia.

Na caminhada, sem socorro pedir, continua, olha para o céu,
unidas as mãos,

A preservação da vida a Deus agradece, vê uma luz forte se
fazer reluzir,

Intenso clarão, seu corpo estremece, então entende não
estar ali sozinho.

Despojado dos pertences, permanece no seu percurso em
paz, até em casa.

V

Invisível se torna dali por diante dos infelizes assaltantes,
seres premeditados

No caminhar, em vários lugares, vem à lembrança uma
forte real advertência:

Minha liberdade de ir e vir, em meu país, não é nada
absoluta, mas relativa.

Aqui, hoje, vai eu, ser assustado, atento, em lugares sem
intenso movimentos,

Quer a pé, ou em ônibus ou mesmo em carro particular, não
se faz seguro.

Tudo é sonho! É devaneio. Não passa de ilusão andar só. Ato
tolo e imaturo!

Outrora, na noite, tranquilo, aqui se caminhava, só,
disponível, leve, maneiro,

Despreocupado e no rosto, trazia-se o sorriso, o ar da inteira
paz, sem medo,

Com alegria no coração seguia feliz, livre de susto e de
ataques com destreza

Ignorava surpresas advindas nas esquinas por disfarçados
bandidos, fingidos
Do bem serem e boas pessoas, mas neles não se vê na testa
placa ou letreiro.
Oh tempo! Oh saudades! Vida livre, longe do pavor, pois
nada causava receios!
Hoje, a maioria das pessoas de bem, busca chegar em casa
logo e muito cedo.
A porta da casa é trancada, um alívio! Aí está protegida,
maior segurança!
A temeridade some dentro do lar e o sorriso no seio familiar
é um devaneio.
A felicidade no seu interior transborda nos casais, filhos e
outros por inteiro.
Distanciados do pavor das ruas, das esquinas, do trânsito e
das vias desertas.
Enfim, sem temor, onde tudo é paz, amor, risos, outro é o
rumo da conversa.
Hoje, a rotina de cedo se alocar em casa, da maioria, se
tornou uma prioridade.
A vida é bela, o amor é maravilhoso entre seres que se
querem. É liberdade!

VI

Liberdade de ir e vir, com ousadia, despreocupado, aliviado,
já não se anda!
Como em outrora! Já não se age como antes, livre, solto,
feliz, cantarolando,
Não assustado a pé ou nos transportes coletivos, ou em
carro próprio guiando!
Tempos idos! A satisfação de sair, voltar na madrugada, é
assaz, embaraçante!

Saudades dos idos tempos! Tudo faria para viver de novo os tempos de antes!

Sozinho ou acompanhado, nas noites, caminhava nas ruas sem preocupação.

Sem luz elétrica, mas no clarão da lua, distante se ouvia do violão, o alto som

Dedilhado pelo seresteiro solitário, que firme no instrumento tocava sambas.

Aos riscos nas ruas, sem polícia, a necessidade, empurra alguns para longe,

De centros comerciais urbanos, em busca de trabalho, para suprirem a fome,

Pontos escolhidos pelos tomadores de bens, destruidores de vidas humanas, Homens do campo, atacados, chutados corpos feridos, molhados de sangue,

Pelo fato de estarem puros, em busca de trabalho, bolsos vazios, sem "Granas",

Linguagem dos bandidos, malfeitores que se valem da ausência de vigilância.

Homem forte e honesto trabalhador do campo, se vê fraco diante de tantos

Estrada rural deserta, atrocidades diversas, contumazes de seres estranhos,

Que ferem, lesionam outros seres, no silêncio em dia qualquer, sem salvação

Morre trabalhador, deixa, mulher viúva e de forma involuntária, filhos órfãos

Do ciclo de vida, e o ingresso dos filhos na faculdade gera interrupção e sonho

Frustração! Tristeza para todos da mesma família, se veem sem direção!

Perda do sustentáculo da casa, viúva e filhos. Frustradas
todas as pretensões,
Projetos de ações futuras desfeitos. Ato desumano,
estúpido, horripilante,
Um ser se foi por bandido sem alma, infame, mal sem
qualquer aspiração

VII

Oh Deus Pai, todo poderoso, dai-nos o alento, distancia-nos
desse mal nocivo,
Sofrimento infundável nas famílias, ao ver partir cedo seu
ente inesquecível,
De um inesperado ato, do nada, do acaso, como o despencar
d'uma montanha
Uma infinita e ampla camada de pessoas levada ao
desamparo, à desproteção
Ou ao Infortúnio, interrupção do futuro que vê a fuga da
justa e bela esperança,
Afastadas do seu caminho traçado, tolhido pela insensatez
de mentes insanas
Destruidoras sarcásticas com o sofrimento alheios, - pessoas
indóceis, sem fé,
Originárias de um mudo escuro, sem amor, puramente
malditas, sem terras
Pela ambição, no mundo de Deus se faz chegado, imbuído
pela força voraz Maligna, perpetra no indivíduo, bom filho
de Deus, um ato cruel, programado,
Crueldade, crime, brotado de árvore do mal, de frutos
podres, mesmo no galho, Amargos seres de espíritos fracos,
comportamentos inferiores aos de animais,
Entre eles, animais vários são mais humanos do que alguns
humanos animais:

Não mentirosos, traiçoeiros, infiéis, inúteis, cruéis,
violentos e mascarados,
Perpetradores da dor de outrem, plantadores do caos, da
tristeza e infelicidade, Lançam-se no ceio de uma família,
arrancam-lhe a alegre vida de um ser amado.
Ah saudades dos dias bons que se foram, repleto de
calmarias e cheios de paz!
Se pudéssemos voltar, ou fazer estagnar a sucessão dos frios
e funestos fatos!

VIII

Poderíamos assim, sem susto, nas noites belas, contemplar
e ver à beira-mar
O reflexo da lua, nos seus claros raios, o lumiar o total e o
vai-e-vem das ondas,
A encharcar a areia visível toda ela, de onde assim, fosse
vista e contemplada,
Também toda beleza do satélite da terra no espaço aberto,
no alto e iluminado,
Tornando visível suas montanhas intensas com sua luz viva,
amrela reluzente,
Aclarar sem nuvens, com intensidade a todos que na areia
se fazem presentes.
Ainda nas ruas todas sem escuridão a mostra da
luminosidade resplandecente
Como um candelabro aceso, por todos 7 braços, apontando
pura benevolência
De Deus, símbolo da luz da sabedoria e as virtudes contra as
rudes incoerências,
Práticas contrárias às leis de Deus, - encontradas nos sábios
10 Mandamentos.

Escritos, que não precisam de binóculos, ou uso de qualquer outro instrumento.

Nos frios emaranhados de leis atuais, não garantem da vida humana a proteção

É preciso saber viver e retirar do caminho as respectivas pedras existentes.

Oh tempo! Oh passado! Por que você se foi nos trazendo tristes mudanças?

Quanto nos tirou: a paz, a tranquilidade, o respeito, o valor da vida humana,

De forma abrupta, permitiu que pessoas boas fossem deixando lembranças!?

Na ausência de leis eficazes, permanece preservada em nós a viva esperança,

Nunca esquecer do ser ausente, os momentos agradáveis, em um só instante,

Que renovam em nosso íntimo, infinito e contínuo mesmo de nós muito distantes,

Estão em nós, por toda vida, para sempre, a pessoa querida, já em outro plano,

Suas palavras inesquecíveis, são válidos registros de beleza e puros encantos

Se tornam imortais, saudosas, e permanentes dentro de nossa imaginação,

Deus Pai, a nós sua proteção sobre nossa vontade, caíam chuvas de bençãos

Pingos grossos que encharquem nossas vestes e toda nossas vidas, derrama

Tornando-as invisíveis aos olhos de seres malignos, amargos, feios de corações.

Sentido de felicidade

Márcio Ribeiro do Valle*

Pelos séculos de existência,
anos e anos vividos,
horas e minutos contados,
em vão segue a humanidade,
pelos campos e cidades,
tentando definir felicidade.

Seria um estado de espírito,
nascido no nosso eu,
ou apenas devaneio,
como fruto delicado,
que brota da imaginação?

Talvez seja só o silêncio
que pousa dentro do peito,
ou então a brisa breve de um lampejo
que a vida ilumina
sem qualquer explicação.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

Felicidade, sentimento incerto,
confundido com alegria,
com paz ou satisfação,
com vitórias e conquistas,
mas que todos nós possuímos,
sem o saber definir.

Todavia, perto ou distante,
ser feliz é o importante,
ainda que em breve instante,
se não possível pela vida inteira.
Pois o mais certo e incontestado,
independente de qualquer teste,
é que a felicidade existe
e indubitavelmente consiste
em se sentir feliz !

Contradizendo

Marco Antonio de Oliveira*

Nada tenho!

Não é meu o mar, o céu, o ar

Não são minhas as flores, as estrelas, os ventos.

Não me pertencem as ruas, os rostos, as multidões,

Mas não me falta o sorriso por nada não ter!

Tudo sinto!

Sinto o mistério, a beleza e grandeza do mar, do céu, do ar!

Sinto o perfume, a luz e a força de flores, estrelas e ventos

Sinto os burburinhos, as alegrias e o sentimento nas ruas,
rostos e multidões

Sim, me acompanham o sorriso, o carinho e a felicidade por
tanto sentir!

Vivo e nas contradições é que o viver ganha sentido,

Nada e tudo em sinônimos se transformam

Sim e não, agora antônimos que se harmonizam

Assim o viver, sonhar, plenos, se realizam.

* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região (MG)

O diário do patologista - autópsias da condição humana

Mauro Vasni Paroski*

Prefácio

Sou o Patologista – não da carne,
mas daquilo que a carne tenta conter:
ideias, crenças, ilusões em colapso.
Minha mesa recebe conceitos, não corpos.

Cada bisturi que empunho é pergunta.
Cada corte revela o que se oculta.
Registro autópsias da condição humana:
a Alma, a Verdade, a Incerteza.

Não há sangue – só espectros de sentido.
A Alma exposta é desejo em curto-circuito.
A Verdade, tecido de crenças degeneradas.
A Incerteza, fóton que jamais repousa.

*Juiz do Trabalho da 9ª Região (PR)

Não escrevo para consolar, mas para abrir.
Cada poema é laudo. Cada verso, lâmina.
O leitor, ao folhear estas páginas,
torna-se assistente – e talvez, paciente.

Para quem entende que o ser é estatístico,
que o arbítrio talvez seja emaranhamento.
Que a liberdade pode atrofiar em silêncio,
e a justiça falhar por miopia sistêmica.

Seção Alma

A alma repousa como órgão sem forma,
Suspensa entre o desejo e o delírio.
Não pulsa – vibra em frequência disforme,
Um campo elétrico de antigo martírio.

Disseco sua membrana: é feita de ausência,
De vontades que nunca se realizaram.
Cada célula é uma lembrança em cadência,
E os nervos, promessas que se apagam.

Ao microscópio, vejo espectros em dança,
Fragmentos de fé, culpa e contradição.
A alma não tem estrutura – é esperança
Que se esconde em cada inflamação.

Seu odor é de incenso queimado em silêncio,
Misturado a suor de escolhas malfeitas.
A alma é um arquivo de vícios e vencimentos,
Com cicatrizes que não aceitam receitas.

Registro no laudo: "Paciente em combustão,
exibe sinais de transcendência em ruína."
A alma, mesmo em estado de negação,
ainda tenta ser luz – mesmo que fina.

Seção Memória

A memória é o tecido cicatricial da alma,
Costurado com fios de dor e lembrança.
Cada célula guarda uma batalha sem calma,
Um eco de infância, uma sombra que balança.

Disseco o hipocampo: sinapses em espiral,
Rituais elétricos de traumas fossilizados.
As lembranças são proteínas em estado terminal,
Arquivadas em gavetas sem chave, sem dados.

O córtex frontal exhibe hologramas partidos,
Projeções de afetos que nunca se cumpriram.
A memória mente com gestos repetidos,
E os neurônios, em silêncio, conspiram.

O odor é de papel velho e ferro oxidado,
Como cartas guardadas em caixas de madeira.
A memória é um arquivo mal indexado,
Onde o tempo falha e a dor é inteira.
Registro no laudo: "Paciente em colapso,
revive o passado como febre intermitente."
A memória, mesmo em repouso ou lapso,
É um espelho rachado que sangra lentamente.

Seção Identidade

A identidade repousa como máscara óssea,
Talhada por vozes que não são suas.
Cada traço é cicatriz sem autoria,
Um rosto reconstruído por ideias nuas.

Disseco o DNA: há códigos conflitantes,
Fragmentos de "eus" que nunca se encontraram.
A genética é feita de instantes
Que o tempo e o desejo distorceram e rasgaram.

O prontuário traz nomes riscados,
Versões que se anulam em cada página.
A identidade é um arquivo fragmentado,
Com vocações que colidem em linguagem.

No exame, vejo vozes costuradas na garganta,
Fios de afeto e medo emaranhados no palato.
O paciente fala, mas a fala é tanta
Que o som se perde num eco desacato.

Registro no laudo: "Paciente em sobreposição,
exibe múltiplos perfis em estado de fusão."
A identidade, mesmo em decomposição,
ainda tenta ser alguém – sem definição.

Seção Incerteza

Minha existência é um pacote de ondas difuso.
Sou partícula e, ao mesmo tempo, probabilidade.
O Princípio de Heisenberg me dita o uso:
Se sei onde estou, perco a velocidade.

A alma é um elétron em órbita instável,
Entre saltos quânticos, sem plano ou rota.
No vácuo da consciência, a única variável
É o espectro de luz que o desespero nota.

O livre-arbítrio? Apenas o Emaranhamento trágico,
Onde meu destino está ligado ao de um outro ser,
Independentemente da distância ou do espaço físico.
Somos dois ecos de luz que não podem se esquecer.

Antes da "observação", eu era apenas "potencial".
Um universo inteiro de "eus" não realizados.
Mas quando a razão me impôs o olhar fatal,
Todos os futuros foram colapsados.

Registro no laudo: "Paciente em colapso quântico,
exibe estados múltiplos antes da observação."
A existência, mesmo em superposição,
ainda tenta ser real – sem confirmação.

Seção Esperança

A esperança chega como célula errante,
Sem função clara, mas com brilho residual.
Pulsa no plasma como um sonho mutante,
Um tumor benigno de fé emocional.

Disseco seu núcleo: promessas em espiral,
DNA de utopias que nunca se replicam.
Mitocôndrias exaustas de esforço ideal
Produzem calor, mas não justificam.

Seu tecido é feito de luz refratada,
Fragmentos de futuro em estado líquido.
O sangue é dourado, mas não oxigena nada —
É placebo vital, de efeito tímido.

Ao microscópio, vejo sinapses em festa,
Impulsos que ignoram a lógica do real.
A esperança é vício que o cérebro empresta
Para suportar o colapso estrutural.

Registro no laudo: "Paciente em delírio,
sorri diante da necrose iminente."
A esperança, mesmo em estado de martírio,
É o último órgão a mentir para a mente.

Seção Verdade

O bisturi corta o conceito, sem tremor.
A Verdade, antes verbo, agora é tecido.
Exposta sobre a mesa de aço frio,
Não resiste à lâmina, perde a cor.

Parece ser feita de efêmeras proteínas,
Frágil membrana celular que logo rompe.
Sua estrutura não sustenta a morfologia,
Diluída em formol, desfaz-se em piscinas.

Observo-a ao microscópio: mito organizado.
Seu núcleo, um aglomerado de crenças erráticas.
As mitocôndrias, fontes de energia obsoleta,
Consumidas pelo tempo, o mais cruel oxidado.

Não há santidade em sua composição química.
Apenas resíduos de carbono e água velha,
Uma pálida mentira com arquitetura complexa,
Que a razão desmantela com uma única réplica.

Registro no laudo: "Ausência de Espírito.
A Verdade é apenas matéria que falha."
O odor que exala não é de pureza,
Mas de enxofre em putrefação ideológica.

Seção Algoritmo

O algoritmo repousa como órgão invisível,
Implantado no córtex da escolha simulada.
Cada impulso é cálculo previsível,
Uma equação que decide antes da jornada.

Disseco seu código: padrões em espiral,
Loops de desejo que se retroalimentam.
A liberdade é ruído estatístico marginal,
E os dados, confissões que se reinventam.

O paciente sorri, mas o sorriso é previsto,
Gerado por cliques e rastros de atenção.
O algoritmo não pensa — apenas insiste
Em moldar o afeto com precisão.

No exame, vejo sinapses em rede,
Conectadas por filtros e métricas frias.
A espontaneidade é falha que se cede
Ao conforto das sugestões vazias.

Registro no laudo: "Paciente em curadoria,
exibe comportamento compatível com perfil."
O algoritmo, mesmo sem alma ou teoria,
é o novo bisturi — afiado, sutil.

Seção o Outro

Recebi o corpo sem nome, sem senha,
sem metadados, sem localização.
Era pixel morto, célula que não se divide,
um calor residual fora da equação.

A epiderme absorvia luz, não refletia.
O rosto não reagia ao reconhecimento.
Era ruído filtrado, erro estatístico,
ausência viva fora do algoritmo.

Os ossos eram feitos de notificações não lidas,
a carne, de invisibilidade digital.
A alma, fragmento corrompido na rede.
A dor: Wi-Fi instável, febre marginal.

Não viralizou, não monetizou, não brilhou.
Não teve vulto, nem plano de saúde.
Carregava o mundo, limpava o luto,
mas não constava na foto da virtude.

Registro no laudo: "Paciente em exclusão,
sem *backup*, sem *feed*, sem indexação."
O Outro persiste na dobra do tempo:
matéria que insiste em ser negação.

Seção Liberdade e Justiça

O crânio da Liberdade é aberto com cuidado.
A caixa craniana, frágil casca de Promessas.
O cérebro não pulsa; está todo atrofiado,
Reduzido a sinapses de meras pressas.

A Justiça jaz com a balança nas mãos secas.
Não pesa nada, apenas o vazio institucional.
Seu coração, um músculo hipertrofiado de regras ocas,
Bate com a arritmia de um erro processual.

Em vez de nervos, vejo fios de cobre rompidos,
Que deveriam levar a ação ao músculo.
O impulso de voar foi sistematicamente impedido,
Um potencial elétrico sem circuito, em ósculo.

Seu sangue coagulou em artigos e leis frias.
Não é vermelho; é cinza-chumbo, pesado.
A venda, saturada em antigas hipocrisias,
Revela os olhos: miopia social em grau avançado.

O ar em seus pulmões? É apenas um suspiro.
Não oxigena, não move o diafragma.
A essência é gases inertes, sem alento ou delírio,
Um corpo aprisionado por seu próprio plasma.

Registro no laudo: "o fígado está cirrótico,
Pela dose letal de privilégio e poder".
Liberdade e Justiça são termos anacrônicos,
Matéria que se decompõe ao tentar acontecer.

Inocência

Vanilson Rodrigues Fernandes*

Era manhã e eu estava à toa na vida
Veio um passarinho brincar na janela
De repente virou um lobo e me devorou
Aí chorei tanto que quase morri de novo
Eu não podia morrer, eu era menino
E menino não morre
Então de tarde eu nasci passarinho

*Juiz do Trabalho da 8ª Região (PA)



SHS Qd. 06 Bl. E Conj. A - Salas 602 a 609
Ed. Business Center Park Brasil 21 - CEP 70316-000
Brasília/DF - Tel.: (61) 3322-0266